

PODERES

EM REVISTA

A VIDA ALÉM DO DIREITO

LIVRO DE RECEITAS DA
MINISTRA ELIANA CALMON
TRAZ OPÇÕES DE PRATOS
E MUITO MAIS



MÚSICA
PROCURADORES NO BLUES

RIQUEZA NACIONAL
MINÉRIOS EM ALTA

MÁRIO ROSA
WEB: FIM DA PRIVACIDADE?



PODERES
NA REGATA.



*Venha comemorar conosco o primeiro ano
da Poderes em Revista na Regata Aratu-Maragojipe,
a de maior percurso em águas
abrigadas no Brasil.*

CAMAROTE DA PODERES

LOCAL: A ILHA (12°51'22.04"S/ 38°50'27.90"O)

BAÍA DE TODOS-OS-SANTOS.

DATA: 25 DE AGOSTO (SÁBADO) DAS 9H ÀS 17H

Você é nosso convidado!

Realização:



VERDI PAISAGISMO

BY CARLA H. OLDEMBURG

PODERES
EM REVISTA

SUMÁRIO

30 EXCELENTÍSSIMA COZINHA

As receitas simples e especiais da ministra Eliana Calmon

46 JUIZ OLÍMPICO

André Costa conta como foi participar dos Jogos de Atlanta

55 ESPECIAL SAÚDE

Cuidado! Bruxismo é o mal que vem do estresse. E ficar muito tempo sentado faz mal à saúde

70 MUNDO EM MOVIMENTO

Walter Feldman: bicicletas avançam nas grandes cidades

78 SOBRE DUAS RODAS

Juiz gaúcho e promotor potiguar defendem o uso das ciclofaixas

80 SOLO FÉRTIL

Saiba como os minerais são importantes em nosso dia-a-dia

85 BARCOS EM PERIGO

Voluntários se unem para salvar saveiros e preservar a história

94 ENTREVISTA

Desembargador Cláudio dell'Orto fala sobre as atividades da Amaerj



36 MÚSICA

Procuradores animam noite paulistana com *blues*



42 MERGULHO

Juíza federal descobre maravilhas no fundo do mar

UMA SABOROSA EDIÇÃO

ARTIGOS

53 PONTO DE VISTA
A vida é bela... 2

112 IMAGEM E REPUTAÇÃO
Jurisprudência
Dieckmann/Cabral

SEÇÕES

6 CARTAS&E-MAILS

13 ANTENADOS

20 FATOS& CURIOSIDADES

26 ARTE&CULTURA

28 ESPORTES&LAZER

98 MEMÓRIA EM FASCÍCULOS

104 LEIA DIREITO

106 CHECK IN

114 PERFIL

Severa, mas nem tanto. No aconchego do lar, a ministra Eliana Calmon, do Superior Tribunal de Justiça, fala sorridente, está feliz. Lembra da velha infância, dos tempos de menina ao lado da mãe e do amor pela culinária. A reportagem de capa com a corregedora nacional de Justiça mostra uma mulher sensível, mas que não perde a firmeza.

A trajetória da ilustre cozinheira em frente ao fogão é apenas uma das atividades além do Direito reveladas na Poderes em Revista, em sua quarta edição. Tem mais. Conheça os procuradores do Estado de São Paulo, criadores da banda Curva do Rio. Tocando o melhor do blues, comprovam que não entendem apenas de dívida pública e temas relacionados aos Direito Tributário e Patrimonial, por exemplo.

Viaje pelo mundo com a juíza federal, Lidiane Meneses, de Sergipe, em busca de surpresas no fundo do mar. Nos roteiros, estão incluídos sustos que parecem tirados da tela do cinema.

E, enquanto não chegam os Jogos de Londres, vamos relembrar a participação do juiz André Costa na Olimpíada de Atlanta, há 16 anos. Atleta do remo, ele conta como foi conviver com grandes ídolos do esporte em um evento marcante na vida do magistrado do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.

Onipresentes, os minérios, responsáveis pela formação de grandes fortunas, também ganham destaque. Uma reportagem especial traça os caminhos e a importância da exploração dos bens naturais, e as (boas) oportunidades econômicas para o País.

Por fim, navegue com um grupo de profissionais liberais, voluntários em Salvador, que lutam para preservar os saveiros, uma das embarcações mais antigas em uso no Brasil. São mais de quatro séculos singrando, ao bel sabor do vento, na Baía de Todos-os-Santos.

Informação e entretenimento em mais uma edição da PODERES EM REVISTA. Divirta-se!

Flávio Novaes

Editor-Executivo

flavio@poderesemrevista.com.br

CARTAS&E-MAILS



A QUALIDADE DA PODERES EM REVISTA

Agradeço a gentileza do envio de exemplar da publicação PODERES EM REVISTA (março/2012), que li com prazer, dada a oportunidade dos temas tratados e a qualidade dos textos. Com satisfação, registro que a excelente ideia de mostrar o “outro lado” dos juízes presta-se a humanizar a figura do Magistrado e a concretizar a ideia de que, em termos de neutralidade, o juiz pode ser isento sem ser insensível e imparcial sem ser indiferente ao que se passa à sua volta.

Arnoldo Camanho de Assis
Desembargador do TJDF

PARABÉNS

Agradeço envio da edição nº 03 da “PODERES EM REVISTA” de excelente nível e agradável leitura.

Eurico de Barros Correia
Desembargador do TJPE

Gostaríamos de receber regularmente exemplar da PODERES EM REVISTA. A edição nº 3 tem um projeto gráfico primoroso, aliado a um conteúdo de qualidade. Parabéns à equipe.

Viveiros Editoração e Publicidade
Belo Horizonte/MG

Sou funcionária do Tribunal de Justiça de Santa Catarina e a desembargadora com quem trabalho recebeu um exemplar. Todos nós aqui gostamos muito!

Graziela Monteiro da Correggio
Florianópolis/SC

Muito legal a mistura de música, literatura, artes em geral na revista. Sou estudante de Direito e achei interessante a quantidade de atividades desenvolvidas por juízes. Espero que sejam feitas mais reportagens nesse

estilo, principalmente revelando os gostos musicais dos magistrados.

Renata Santana
Belo Horizonte/MG

VOZES DE BECA

Conheço alguns juízes federais de São Paulo, e fiquei surpresa ao vê-los tão descontraídos, soltando a voz e se divertindo, e ainda por uma causa muito justa de promover uma festa para servidores. Minha admiração só aumentou por esses grandes juízes, que cumprem perfeitamente seus papéis de defensores das leis!

Marina Magalhães
São Paulo/SP



TAÍS FERRACINI:
juíza canta rock nacional e MPB

CORDELISTA ENCANTADO

Recebi os exemplares da PODERES e confesso que, mesmo a tendo visto em PDF, no site da revista, fiquei impressionado com a qualidade da impressão, papel, organização dos espaços e tantos detalhes que fazem uma boa publicação. Realmente, a PODERES EM REVISTA impressiona pela forma e pelo conteúdo, e fico muito honrado de ver a matéria sobre minha pessoa ocupando nada menos que oito páginas da publicação.

Marcos Mairton
Juiz federal em Quixadá/CE

Sou fã de cordéis e achei fantástica a matéria do juiz cordelista. A literatura de cordel é a realmente encantadora, e o juiz Marcos Mairton sabe expressar muito bem esse sentimento. Parabéns pela bela matéria!

Ricardo de Souza
Maceió/AL

A rica cultura da literatura em cordel é muito difundida aqui no Nordeste, mas precisa chegar, avançar mesmo, em outros centros do país. O trabalho do juiz Marcos Mairton é me-



MARCOS MAIRTON:
paixão pelo cordel

morável e gostei muito também do site a que ele se refere na reportagem, (www.mundocordel.com). Parabéns!

Joana Paixão
Fortaleza/CE

Está de parabéns o magistrado Marcos Mairton pela criatividade.

Cristina Figueiredo
Brasília/DF

MÁRIO ROSA

De excelente nível o artigo *As togas e o marketing* do jornalista Mário Rosa, publicado na edição nº 3 da **PODERES EM REVISTA**. Creio que a discussão sobre a mídia e o Judiciário mostra que o Brasil está mudando para melhor.

Luiz Roberto Campos
São Paulo/SP

O jornalista Mário Rosa tem razão ao afirmar: “Quando Montesquieu vislumbrou o sistema de equilíbrio entre os poderes, não havia, é claro, as poderosas plataformas de comunicação do mundo atual”. Mas a imprensa, apesar dos exageros, é essencial para a consolidação da democracia e informação da sociedade.

Francisco Damásio
Recife/PE

Um grande avanço na comunicação do Judiciário foi o surgimento da TV Justiça, com reportagens esclarecedoras e, principalmente, as transmissões ao vivo das sessões do Supremo Tribunal Federal.

Roberto Travassos
Brasília/DF

Antes de você, um procurador passou por aqui.

A função do procurador interfere positivamente em sua vida. Pareceres jurídicos sobre obras, avaliação da legalidade de programas e projetos, participação em definições de políticas públicas, recuperação de prejuízos causados ao patrimônio público, defesa do Estado em ações judiciais e até dizer o que o Governo pode ou não fazer, segundo a lei.

O que para muitos parece um dever, para nós é um prazer.

CARTAS&E-MAILS



GEÓRGIA CAMPELLO:
à procura da neve

DE OLHO NA NEVE

Também já estive em estações de esqui na Europa e posso atestar as palavras da procuradora Geórgia Campello, de Salvador: praticar esse esporte é mesmo uma paixão.

Silvana Campos
São Paulo / SP

JOGOS OLÍMPICOS

Revelador o relato do deputado federal Walter Feldman sobre como se organiza uma Olimpíada, publicado na última edição da PODERES EM REVISTA. A esperança é que possamos também realizar os nossos Jogos Olímpicos respeitando os brasileiros e todo o legado que será deixado.

Carlos Martins
Santo André/SP

LEIA DIREITO

Sugiro mais reportagens com profissionais do Direito que lançam livros com temas não-relacionados à carreira jurídica. Pelo que percebo aqui no Rio, é cada vez maior o número de juízes, desembargadores e promotores públicos que se aventuram nessa experiência de escrever memórias, romances. Alguns são muito bons.

Carla Machado
Rio de Janeiro/RJ

Participe da PODERES EM REVISTA! Envie sua sugestão de pauta, com dicas de reportagem, para o email LEITOR@PODERESEMREVISTA.COM.BR

Uma cidade que não pára um só segundo,
revela a marca de mais um
dos seus importantes movimentos.



ASSOCIAÇÃO
DOS PROCURADORES
DO MUNICÍPIO DO SALVADOR

Aqui, todos os Procuradores do Município do Salvador
mostram a força da sua união.

SSÃO JOÃO

O MELHOR ARRASTA-PÉ DA CIDADE

22/06 E 23/06

JARDIM DE ALAH

SEXTA-FEIRA (22/06)

SAMBONE

NINHA (PARTICIPAÇÃO TATAU)

MORAES MOREIRA

CORETO (2 ATRAÇÕES)

SÁBADO (23/06)

FORRÓ MASSAPÉ

MÁRCIA SHORT (CANTANDO FORRÓ)

LUÍS CALDAS (LUÍS CANTA LUÍS)

CORETO (2 ATRAÇÕES)

CAJAZEIRAS

SEXTA-FEIRA (22/06)

NOITE DO SAMBA JUNINO

SÁBADO (23/06)

NOITE DO FORRÓ

CORETO, QUERMESSE, VILA DE COMIDA, BEBIDAS E ARTESANATO.

Realização:





Presidente
Hélio Santana

Conselho Editorial

Evanio Antunes
Freddy Pitta Lima
Hélio Santana
José Carlos Gomes
Ronaldo Barão

Editor-Executivo

Flávio Novaes – Mtb 1724

Reportagem

Fernanda Santana

Colaboradores

Camila Carvalho, Luana Rocha,
Herbem Gramacho, João Avelino,
Victor Uchôa, Gabriela Cruz,
Mariana Rios, Juan Torres, Cyro Serpa,
Alexandre Lyrio, Walter Feldman

Fotografia

Arisson Marinho, Daiane da Mata,
João Carvalho, Pinto Ferreira,
Felipe Amorim, Nilton Souza,
Isac Luz, Wanderlei Oliveira

Foto capa

Angeluci Figueiredo

Diagramação e Direção de Arte

Aldo França

Tratamento de Imagens

Adriano Biset

Revisão

Cyro Serpa

Comercial

comercial@poderesemrevista.com.br

Contato

leitor@poderesemrevista.com.br
www.poderesemrevista.com.br

A PODERES EM REVISTA, publicação bimestral destinada aos operadores do Direito – delegados, defensores públicos, promotores, procuradores, juízes, desembargadores, ministros dos tribunais –, mas não exclusiva para esse público, apresenta o estilo e a qualidade de vida dos membros de carreiras jurídicas em atividades esportivas, gastronômicas, de literatura, da cultura em geral. Revela, de forma humanizada, os profissionais, em suas mais diversas competências e habilidades, fora do cotidiano. O entretenimento e a vida além do Direito.

Ano 2 / Número 4 / Maio 2012

Distribuição nacional



VIDA SAUDÁVEL

Cresce nas principais capitais brasileiras a pressão para a implantação de ciclofaixas. No *site*, *links* com fotos, vídeos e textos sobre o uso da bicicleta, enviados pelo juiz Daniel Luersen, do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, um dos participantes do Fórum Mundial de Bicletas, em Porto Alegre.

CULTURA

Magistrados, procuradores, promotores, defensores públicos... Literatura, música, teatro e as artes em geral também integram o dia-a-dia dos profissionais que lidam com a Justiça. Acompanhe, na página eletrônica da PODERES, os principais lançamentos de livros, CDs e exposições dos profissionais que também exaltam a vida além do Direito.



HISTÓRIA

A trajetória do ensino jurídico no Brasil, iniciado nas antigas faculdades de Olinda e São Paulo, pode ser acompanhada em pequenas notas no *site*. A versão final do trabalho, produzido pelo pesquisador Cyro Serpa, será publicada ainda este ano pela PODERES EM REVISTA.



ENCONTRO DA INDÚSTRIA PARA A SUSTENTABILIDADE

Equilíbrio que movimenta um mundo melhor

A contribuição da indústria para a Conferência Rio+20.
14 DE JUNHO - Hotel Sofitel - Copacabana - Rio de Janeiro

A CETELEM BGN TEM PRODUTOS E SERVIÇOS PARA DIVERSOS PÚBLICOS E SEGMENTOS.

A Cetelem BGN tem as melhores soluções de crédito para pessoa física, com foco especialmente na oferta de cartões de crédito e empréstimo pessoal.

Presente no Brasil desde 1999, atua em conjunto com mais de 58 redes de varejo no Brasil, de diversos segmentos. Em 2007 adquiriu o Banco BGN e agregou a experiência do banco em crédito consignado à pessoa física para se transformar em uma empresa de soluções variadas de crédito.

Além disso, a Cetelem BGN também desenvolve e oferece gestão de carteiras e parcerias com empresas públicas e privadas, associações, entidades de classe, grupos de varejistas, órgãos públicos, dentre outros.

Para cada necessidade existe uma solução Cetelem BGN. E poder contar



ANTENADOS

por Gabriela Cruz

BOX COMEMORATIVO

A Twentieth Century Fox Home Entertainment está com dois lançamentos especiais que marcam o cinquentenário de morte de Marilyn Monroe: um box comemorativo com 13 títulos estrelados pela atriz e uma coleção, Diamante, em dois volumes, com 7 títulos cada. Trailers, galeria de fotos, documentários e cenas de bastidores estão presentes nos DVDs que compõem o box e a coleção. A seleção traz os filmes Nunca Fui Santa, Torrentes da Paixão, Os Homens Preferem as Loiras, Quanto Mais Quente Melhor, Almas Desesperadas, Marilyn Monroe: O Fim dos Dias, Adorável Pecadora, Como Agarrar um Milionário, O Inventor da Mocidade, O Mundo da Fantasia, O Pecado Mora ao Lado, O Rio das Almas Perdidas e Os Desajustados.

Preço médio

R\$ 199 (box) e R\$ 59 (cada volume da coleção Diamante)

Onde encontrar

Fnac e lojas especializadas



ANTENADOS

EDIÇÃO LIMITADA

A marca de relógios londrina Storm, representada no país pela Orient Relógios, acaba de trazer para o público brasileiro uma novidade em edição limitada. O modelo Storm Dualmec tem caixa em aço escovado na cor marrom, pulseira de couro, vidro em cristal mineral, marcador de data, é resistente a 50 metros de profundidade e tem dois contadores de horas, ideal para os viajantes que precisam saber o horário local e também o de seu país de origem. Ao todo foram fabricados somente três mil modelos em todo o mundo, numerados e com embalagem especial.

Preço médio

R\$ 870

Onde encontrar

Lojas especializadas



PURO LUXO

O universo criativo de Emar Batalha é tão rico que todos os meses a designer lança novidades de encher os olhos de mulheres sofisticadas que não abrem mão do romantismo. Um exemplo do belo trabalho da capixaba, que tem 22 anos de carreira, é o anel em ouro com diamantes chocolates e brancos.

Preço médio

R\$ 29 mil

Onde encontrar

Shopping Vitória, no Espírito Santo, e na Alamenda Lorena, em São Paulo



VERSÃO ATUALIZADA

Quer levar o hobby da fotografia a sério? Então que tal investir em um equipamento mais robusto? Novidade no mercado, a Canon 5D Mark III veio substituir o modelo II, lançado há cinco anos e que se tornou o queridinho dos fotógrafos profissionais e cineastas independentes. A versão atualizada é mais rápida, mais poderosa e mais versátil que a anterior.

Preço médio

US\$ 3.499

Onde encontrar

Lojas especializadas

DÉCOR SUSTENTÁVEL

A Luminária Pangea é um dos destaques da Reobjeto, marca brasileira de produtos que levam em conta os conceitos de sustentabilidade. A Pangea faz parte de uma série de luminárias de chão e mesa com base em aço inox com globo feito exclusivamente de partes de árvores adultas descartadas pela Prefeitura Municipal de Curitiba, onde a degradação natural da madeira é lavrada pelas mãos de artesãos, gerando inusitadas aberturas por onde passa a luz. As peças são únicas e exclusivas, mantendo as dimensões aproximadas.

Preço médio

R\$ 2.500

Onde encontrar

www.reobjeto.com.br



BOLSA DE VALOR

Uma das bolsas mais desejadas do momento, o modelo Del Rey da Mulberry – inspirado na cantora Lana Del Rey, que já tem a sua – já chegou nas lojas da marca da Spring Street, no Soho, na *flagship* em New Bond Street, em Londres, e na unidade que fica na Hilton Store, em Cingapura. A versão chegou nas cores preto e caramelo.

Preço médio

US\$ 1.250

Onde encontrar

Lojas da marca

REFRI FASHION

Se você estiver com viagem marcada para Paris, não deixe de passar na Collete e comprar por módicos 3,50 euros uma das garrafinhas para a Coca-Cola Light assinadas por Jean Paul Gaultier. O estilista francês assumiu o desenho dos rótulos da série especial da bebida depois que Karl Lagerfeld largou o posto. Sob sua batuta foram lançadas duas edições limitadas.

Preço médio

3,50 euros

Onde encontrar

Collete (Paris)



ANTENADOS

RARE PRINTS

Já chegaram ao Brasil os novos óculos da linha Rare Prints da Ray-Ban, fabricada pela Luxottica. O modelo wayfarer, um dos mais famosos da marca, ganhou temas mais excêntricos e divertidos, indicados para quem segue a moda. Esta coleção conta com a estampa Typedelic, com cores psicodélicas e textos “Paz e Amor”. Já a Color-Block é inspirada na cultura pop de Mondrian, com blocos coloridos de diferentes nuances e combinações de cores que permitem criar transparência em toda a armação.

Preço médio

R\$ 600

Onde encontrar

Óticas de todo o país



DELÍCIAS EM BOTELHO

Quem mora em Salvador ou está de férias na capital baiana não pode deixar de conhecer o restaurante Preta. Localizado na Ilha de Maré, na Baía de Todos os Santos, oferece um cardápio assinado pelo *chef* Aurélio Agazzi. São várias opções de pratos, como o rolinho de massa crocante com recheio de siri catado, flor de banana, geleia de tamarindo e molho teriaki, e o nhoque de fruta-pão com molho de tomates frescos com bacon e cebola roxa. Ao desembarcar na ponte de Botelho, basta procurar uma casinha azul e amarela.

Preço médio

R\$ 32 a R\$ 120

Reservas

71 9326-7461 / 8736-8199 / 9936-8563

CAFÉ COM LEITE

Lattissima+ é o nome da máquina especial para quem ama café com leite que a Nespresso acaba de lançar. Além dos tradicionais espressos e lungos, ela também prepara cappuccinos e latte macchiato semelhantes aos criados pelos baristas profissionais. A tecnologia do seu vaporizador gera uma espuma de leite densa e aveludada. Outras características são o sistema de aquecimento – a bebida fica quente em apenas 40 segundos –, o regulador do volume da espuma do leite e a bandeja que se adapta a qualquer tamanho de xícara ou copo. À venda nas cores *silky white*, *ice silver* e *midnight blue*.

Preço médio

R\$ 1.000

Onde encontrar

Boutiques Nespresso e pelo site www.nespresso.com





PASSO FIRME

Uma das marcas de calçados mais poderosa do mundo, ao lado de Christian Louboutin e Manolo Blahnik, a Jimmy Choo ocupa esse posto graças aos sapatos-desejo que cria. É o caso da sandália Leila, feita em couro, tela e glitter cobre, tendência mundial. Com saltos vertiginosos, garante a elegância de qualquer mulher.

Preço médio

R\$ 3.490

Onde encontrar

Shopping Cidade Jardim, em São Paulo



NOVA SÉRIE

A Lacoste sempre está em busca de renovação. Prova disso é o lançamento de mais uma linha de camisetas em edição limitada. O parceiro escolhido desta vez foi o designer de interiores americano Jonathan Adler, que levou o ponto agulha para o icônico logotipo da Lacoste, lembrando seus bordados em almofadas e travesseiros. A coleção tem quatro cores femininas e cinco masculinas.

Preço médio

R\$ 399

Onde encontrar

Na Rua Oscar Freire, 1.107, São Paulo, e em lojas selecionadas em todo o país

FRAGRÂNCIA SEDUTORA

Lançamento internacional da Prada, o perfume Candy seduz tanto pela combinação irreverente de notas de benjoim e caramelo quanto pela embalagem vibrante, em dourado e rosa choque. A textura sedosa e ave-ludada dos almíscares traz um caráter sofisticado e elegante à fragrância, cujo frasco vintage carrega um vaporizador no alto de seu pescoço como uma meia-lua negra e brilhante.

Preço médio

R\$ 199 (30 ml), R\$ 299 (50 ml) e R\$ 339 (80 ml)

Onde encontrar

Perfumarias de todo o país







COM PAISAGISMO,
TUDO GANHA VIDA.



VERDI PAISAGISMO

BY CARLA H. OLDEMBURG

71 9963 8429

O CRIME DO MENINO-REI

D. Pedro I, ainda jovem, aprontou com um amigo nas ruas do Rio de Janeiro; procurador do Ministério Público Federal analisa a conduta

No livro *1822*, sucesso de vendas, o jornalista Laurentino Gomes narra uma passagem, digamos, polêmica, do menino Pedro, aquele que se tornaria o primeiro imperador do Brasil.

Diz o texto, na página 115: “Na juventude, D. João VI o repreendeu ao descobrir que comprava cavalos comuns no Rio de Janeiro, marcava-os com o selo da Fazenda Real de Santa Cruz e os revendia por um preço muito maior para pessoas que queriam ostentar proximidade com a corte. O intermediário nas negociações era o barbeiro do palácio da Quinta da Boa Vista, Plácido Pereira de Abreu, com quem o príncipe repartia os lucros”.

O fato é registrado, também, no livro *As maluquices do Imperador*, do historiador Paulo Setúbal.

A **PODERES EM REVISTA** submeteu o episódio à análise do procurador do Ministério Público Federal na Bahia, Vladimir Aras. Eis o relato:

“Para começo de conversa, um membro do Ministério Público dificilmente poderia processar o príncipe herdeiro, já que a instituição não era independente. Provavelmente, o caso seria abafado. Direto para a gaveta imperial.

Mas, se fosse possível fazer uma acusação criminal contra um membro da coroa, o procurador do Império teria de usar o Livro V das Ordenações Filipinas, em vigor no Brasil de janeiro de 1603 a dezembro de 1830.

O colega parquet poderia lançar mão do título 52 do Livro V, que tipificava a conduta dos que “falsificam sinal ou selo do Rei, ou outros sinais autênticos ou selos”, com pena de morte e confisco de bens. Poderia também usar o título 57 do mesmo Livro, que criminalizava a falsificação de mercadorias. Para este, se a falsificação fosse superior a um marco de prata, a pena era de morte. Se



VLADIMIR ARAS:
“Caso seria abafado. Direto para a gaveta Imperial”

a valia fosse inferior a isto, a pena era degredo perpétuo “para o Brasil”. Nem pensar, não é?

O Código Criminal do Império do Brasil de 16 de dezembro de 1830 (CCI) só passou a valer em nosso território no início de janeiro de 1831. Se fosse este a lei penal em vigor na época das peripécias de D. Pedrinho I, Sua Alteza teria incorrido no crime de estelionato, previsto no art. 264, §1º do CCI:

Art. 264. Julgar-se-ha crime de estelionato:
1º A alheação de bens alheios como próprios, ou a troca das cousas, que se deverem entregar por outras diversas.



Ascom MPF/BA

Art. 5º São criminosos, como complices, todos os mais, que directamente concorrerem para se cometer crimes.

Se quiséssemos trazer este evento para o presente, teríamos de invocar o art. 171, caput, do CP ou o art. 171, §2º, inciso IV, do CP em concurso material (art. 69 do CP) com o delito do art. 296, §1º, inciso II, c/c o §2º do CP e em concurso de pessoas (art. 29 do CP). Em outras palavras, o MP republicano poderia imputar ao ex-príncipe e ao seu barbeiro os crimes de estelionato e de falsificação de selo ou sinal público:

Art. 171 – Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento:

Pena – reclusão, de um a cinco anos, e multa.

§ 2º – Nas mesmas penas incorre quem:

Fraude na entrega de coisa

IV – defrauda substância, qualidade ou quantidade de coisa que deve entregar a alguém;

Falsificação do selo ou sinal público

Art. 296 – Falsificar, fabricando-os ou alterando-os:

[...]

Pena – reclusão, de dois a seis anos, e multa.

§ 1º – Incorre nas mesmas penas:

[...]

II – quem utiliza indevidamente o selo ou sinal verdadeiro em prejuízo de outrem ou em proveito próprio ou alheio.

§2º – Se o agente é funcionário público, e comete o crime prevalecendo-se do cargo, aumenta-se a pena de sexta parte.

[...]

Penas – de prisão com trabalho por seis meses a seis anos e de multa de cinco a vinte por cento do valor das cousas, sobre que versar o estelionato.

Tanto o príncipe D. Pedro I quanto o Plácido barbeiro poderiam responder pelo crime, de acordo com os arts. 4º e 5º do CCI, o primeiro como autor e o segundo como cúmplice.

Art. 4º São criminosos, como autores, os que cometerem, constrangerem, ou mandarem alguém cometer crimes.

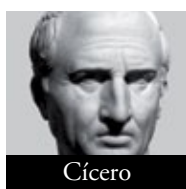
Conhecendo a justiça brasileira como todos conhecemos, poderíamos facilmente imaginar uma tese hipergantista à brasileira para escusar o nobre bandido – ou bandido nobre? Diriam que o pequeno príncipe era inimputável, ou que ele não agiu com dolo, ou que tudo não passou de uma brincadeira de um garoto maroto de sangue azul.

Bem que é engraçado imaginar os emergentes e *wannabes* do império com suas caras de bobo montados nos seus pangarés (ir)reais.

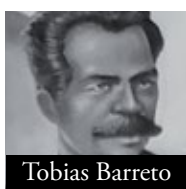
GRANDES EXPOENTES DA LITERATURA... E DO DIREITO

O blog *Libru Lumen*, acessado pelo endereço www.jefferson.blog.br, formou uma lista com os nomes dos grandes escritores da humanidade que se formaram em Direito. O autor da página, Jefferson Maleski, porém, faz uma ressalva: na relação, apenas aqueles que escreveram

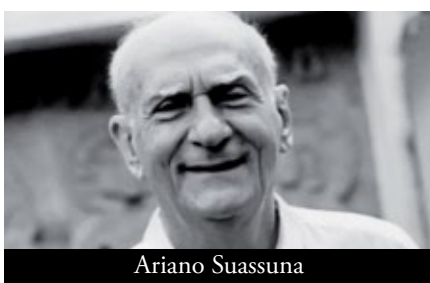
livros considerados literatura universal. Destaque para Jorge Amado, que em 2012 completaria 100 anos. A lista inicial tem 30 nomes, em ordem alfabética. Mas está aberta à colaboração dos internautas. Dentre os autores, a *PODERES EM REVISTA* destacou 15 nomes:



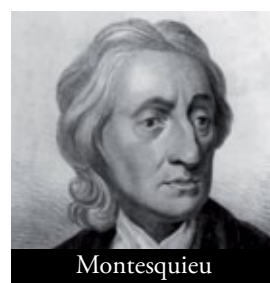
Cícero



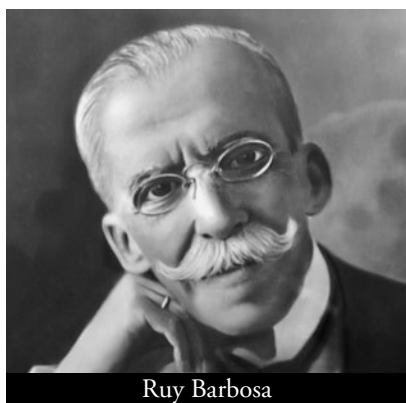
Tobias Barreto



Ariano Suassuna



Montesquieu



Ruy Barbosa



Gregório de Matos



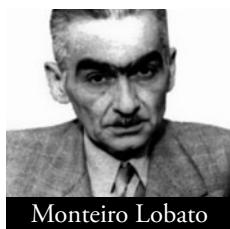
Lygia Fagundes Telles



Honoré de Balzac



Franz Kafka



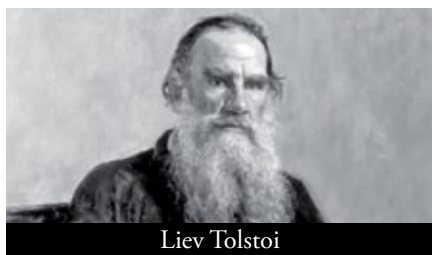
Monteiro Lobato



José de Alencar



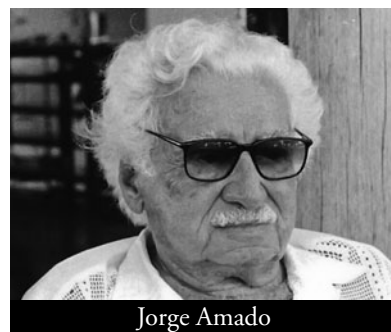
Sêneca



Liev Tolstoi



Gonçalves Dias



Jorge Amado

Fotos: Reprodução



Associação Nacional dos Membros do Ministério Público

**Há 41 anos cuidando dos
interesses de quem defende
a sociedade brasileira.**

www.conamp.org.br

SHS Q. 6, conj. A - Complexo Brasil 21, bl. A, sala 306 | Telefax: 61.3314-1353 | Brasília - DF



ORCAS EM “LIBERDADE”

Não teve sucesso a ação judicial movida pela Peta, sigla em inglês da *People for the Ethical Treatment of Animals*, contra o Parque Aquático SeaWorld, nos Estados Unidos. A organização de proteção dos animais pedia a libertação de cinco orcas que fazem apresentações diárias e vivem em cativeiro: três no parque em San Diego, na Califórnia, e duas no parque de Orlando, na Flórida. Três especialistas em mamíferos marinhos

e dois ex-treinadores de baleias, todos da Peta, defendiam a aplicação da Emenda 13 da Constituição norte-americana, que proíbe a escravidão. Um juiz de San Diego decidiu que a emenda é aplicada apenas aos seres humanos. Mas o porta-voz da organização, David Perle, garante que a luta vai continuar até o “inevitável dia em que todos os animais serão livres da escravidão para a diversão dos humanos”.

ENSAIO SOBRE OS DIREITOS DOS ANIMAIS

Enquanto escrevo este artigo – e você o lê – centenas de milhares de animais, os chamados não humanos, em todo o mundo, são vítimas de crueldades, as mais diversas, as mais desprezíveis.

Assombra-me a insignificância conferida pela sociedade à questão animal. Muitos ignoram a forma como seus alimentos são produzidos, embora não tenham como desconhecer que o sofrimento do animal também integra a linha de produção. As embalagens plásticas funcionam como verdadeiros disfarces. Para Anna Sewell, “se nós vemos coisas erradas ou crueldades, as quais temos o poder de evitar e nada fazemos, nós somos coniventes”.

Confesso que nem sempre é agradável falar sobre o assunto. As pesquisas com a utilização de animais (nas áreas da medicina, dos fármacos e da cosmética, por exemplo) e a agroindústria envolvem grandiosa soma de dinheiro e, conseqüentemente, força política, o que acaba contribuindo, por via direta ou indireta, para minimizar a importância do tema. Isso pode explicar as obscuras formas de atuação dos negociantes de animais. Mais que nunca, a posição de Arthur Schopenhauer (1788-1860), de que ‘o homem tem feito na Terra um inferno para os animais’ mantém-se atual.

O debate sobre a causa sempre passa pela necessidade de mudança de hábitos, seja na recusa a alimentos, seja na utilização de produtos, seja, enfim, na seleção aos eventos que não priorizem o bem estar.

A ideia de respeito do direito animal é indissociável da noção de igualdade. Peter Singer, no livro *Libertação Animal*, compara o tema com o direito das mulheres defendido por Mary Wollstonecraft em sua obra *Vindication of the Rights of Woman*, de 1792, as quais foram consideradas absurdas na época. O mencionado autor faz tal referência para afastar a ideia de que a extensão do princípio básico da igualdade de um grupo para outro não implica que devamos

tratá-los da mesma maneira, conceder-lhes os mesmos direitos. Em outros termos, “o princípio básico da igualdade não requer tratamento igual ou idêntico, mas sim igual consideração. Igual consideração por direitos diferentes pode levar a tratamentos e direitos distintos” (pág. 5).

Não obstante a Constituição Federal assegure, em seu art. 225, §1º, inciso VI, proteção aos animais, vedando práticas que provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade, o que se vê, na realidade, é a baixa efetivação de tal preceito. A indiferença brasileira permite concessões à corrente prática de crueldade impingida aos animais, veja-se, por exemplo, a Lei de Viviseção e de permissão da caça, ambas em vigor. A dor deles continua sendo um detalhe de nenhuma valia. E, então, a Carta Magna, acaba vilipendiada pela própria lei. Paradoxo maior não pode existir quando se sabe que a Lei Maior possui força normativa, impondo-se a todas as outras.

E a ética, que deve estar acima do direito, não foi feita apenas para ser aplicada aos homens. É preciso que se aborde o assunto – na família, na escola, entre os amigos – que se tome partido, pois a neutralidade somente ajuda o opressor, nunca a vítima. Cada gesto individual pode ser libertário para que não se perpetue a exploração dos animais não humanos. Porque entre tudo que há na Terra existe uma essência única de igualdade e a defesa desta não pode temer ridicularização ou intolerância. Que as palavras do Dalai Lama animem essa e as futuras gerações: ‘Não basta compaixão; é preciso agir’. Há muito tempo os animais, detentores, como os humanos, de capacidade de amar, memória, curiosidade, razão e simpatia, esperam por isso.

Verônica Furtado é juíza do Tribunal de Justiça da Bahia, titular da 1ª Vara Cível de Salvador



DOR QUE VIRA ARTE

A imagem do sofrimento sertanejo, registrada pela magistrada Juliana Coutinho, é uma das peças que ilustram o calendário 2012 do Tribunal de Justiça de Pernambuco. A foto foi uma das 12 selecionadas no 4º Concurso de Fotografia promovido pela corte, com o tema “As Águas de Pernambuco”. A juíza, titular da comarca de Salgueiro, no Sertão do Estado, foi a única magistrada entre os 12 servidores finalistas do concurso. “Fiquei muito feliz com o prêmio. Busco fazer fotografias que retratam a realidade do ser humano. A minha foto, produzida na zona rural de Salgueiro, mostra a imagem de um homem carregando dois tonéis de água. É a realidade do sertanejo, povo forte que tanto admiro”, explicou ela ao site da Associação dos Magistrados do Estado de Pernambuco.

SECA NO NORDESTE: *imagem do sofrimento premiada em Pernambuco*

VISITA À PINACOTECA

Em São Paulo, a Associação dos Procuradores do Estado, a Apesp, promoveu mais uma visita à Pinacoteca. Desta vez para conhecer a exposição *Alberto Giacometti: Coleção da Fondation Alberto et Annette Giacometti*, Paris. A mostra é composta de 280 trabalhos do suíço, um dos grandes expoentes da arte do século XX. Durante o passeio, os participantes conheceram ainda as novas instalações do espaço cultural. A Apesp já realizou visitas à Estação Julio Prestes, Instituto Tomie Ohtake, Fundação Ema Gordon Klabin e Fundação Maria Luisa e Oscar Americano.

Divulgação

ARTE EM SÃO PAULO:

procuradores conhecem as obras de Alberto et Annette Giacometti





PALARO E MAIS UM PRÊMIO:
registro na água dá 2º lugar a juiz

RETRATOS DE UM MAGISTRADO

O juiz Vilson Palaro, titular da Vara do Juizado Especial Cível da comarca de São Carlos, no interior paulista, a cada concurso internacional torna-se uma referência no mundo da fotografia. O magistrado foi agraciado com o 1º Prêmio em fotografia na Florence Bial – Bial Internacional de Arte Contemporânea, na cidade de Florença, na Itália. Intitulada Resignação, a imagem em

preto e branco ficou em primeiro lugar. Já em Roma, também na Itália, o magistrado voltou a ser premiado. Desta vez, em segundo lugar, com duas fotos, na Bial de Arte Internacional Roma 2012, encerrada em janeiro. Palaro começou a trabalhar com fotografia há 22 anos e, em mais de duas décadas, já apresentou exposições e ganhou prêmios. Conheça mais sobre a arte do juiz Vilson Palaro Júnior em www.vpalaro.com.br

INTERNACIONAL:

fotos em preto e branco foram apresentadas na Bial de Roma





RIO DE JANEIRO:
*procuradores do Estado
participam de provas de rua*

CELERIDADE NO ATERRO

Tênis, shorts, camisas leves e muita disposição. Procuradores do Estado do Rio de Janeiro participaram, em 25 de março, no Aterro do Flamengo, da primeira etapa do Circuito Athenas, prova de rua com cinco e dez quilômetros. A equipe contou com a presença dos novos atletas Leonardo Quintanilha, Ana Carolina Freire, Sérgio Mannheimer, Mariana Carvalho, Patrícia Baptista, Roberta Barcia, Roberto Barcia Ogando,

Felipe Henriques, Amanda Tutungi, Vanessa Reis e Rogério Carvalho nos cinco quilômetros, e Gustavo do Amaral, Letícia Amarante, Elayne Mahler, Adriana Prata, Nicola Tutungi, Sergio Pyrrho, Wellington Oliveira, Paolo Spilotros, Leonardo Freitas e Rafael Andrade no percurso de dez quilômetros. O grupo, criado pela Associação dos Procuradores do Novo Estado do Rio de Janeiro, a APERJ, já possui calendário de corridas.



GOLEADA:
*quem ganha é
a sociedade*

GOLEADA NO AGRESTE

Em Caruaru, na região Agreste de Pernambuco, magistrados, promotores de Justiça e delegados participaram de uma partida de futebol no estádio Luiz Lacerda, o Lacerdão. Promovido pelas associações dos delegados e dos magistrados do Estado (Adeppe e Amepe), o jogo terminou 7x0 para o time dos delegados. “Independentemente do resultado deste jogo, quem ganha mesmo é a sociedade do Agreste pernambucano, que tem sido favorecida com esta integração entre Polícia Civil, Poder Judiciário e Ministério Público. Outros encontros vão fortalecer ainda mais esta sintonia entre as instituições”, afirmou o delegado Erick Lessa.

RAQUETES CAPIXABAS

Em Vitória, magistrados e advogados já se preparam para o I Torneio de Tênis promovido pela Associação dos Magistrados do Espírito Santo e pela seccional da Ordem dos Advogados do Brasil no Estado. O evento esportivo será realizado nos dias 19 e 20 de maio, na Academia Vini Tennis, em Vila Velha. O torneio está organizado nas categorias A e B, masculino e feminino. De acordo com o regulamento, haverá uma partida eliminatória dupla. Os vencedores do primeiro jogo formarão a chave A e os perdedores, a chave B.



AMEPE: momento de confraternização



SINUCA EM PERNAMBUCO

Em Recife, o juiz Clicério Bezerra não deu chance aos colegas e se tornou o vencedor do VIII Torneio de Sinuca promovido pela Associação dos Magistrados de Pernambuco, a Amepe. Os juízes Virgínio Carneiro Leão e João Ismael do Nascimento Filho garantiram o segundo e terceiro lugares, respectivamente. O evento ocorreu em março, no clube da Associação Atlética Banco do Brasil, no bairro das Graças, e contou com a presença do presidente da associação, o juiz Emanuel Bonfim, e dos diretores de Esporte, Leonardo Asfora, e de Finanças, Cícero Bittencourt. “O torneio de sinuca já faz parte do calendário esportivo da Amepe, sendo mais uma oportunidade de confraternização entre os magistrados”, disse o diretor Leonardo Asfora.

SUPER MARATONA NO SUL

Em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, o delegado-chefe do Grupo Auxiliar de Planejamento (GAP) da Polícia Civil do Paraná, Luciano Tavares (*foto abaixo*), foi um dos destaques na Super Maratona de 50 quilômetros, no início de março. Tavares completou a prova em 4h33m49s, tempo que garantiu o 10.º lugar na categoria de 45 a 49 anos. A performance também foi suficiente para garantir a 58ª colocação no geral. No total, apenas 207 corredores concluíram a prova.



PROCURADORES PELA VIDA

Em Aparecida de Goiânia, integrantes da Procuradoria da União em Goiás participaram da 2ª Edição da Corrida “Aparecida Correndo Pela Vida e Contra o Crack”, promovida pela prefeitura. Mais de quatro mil corredores participaram das provas nas categorias de cinco e dez quilômetros, além de caminhada. Os atletas receberam kits de participação, compostos de camisetas e sacolas. No final da corrida, foram entregues medalhas de participação e frutas. A Procuradoria instalou uma tenda no local para a distribuição de água durante a corrida.

CORRIDA: ação pela vida





DA TOGA AO AVENTAL

Aprenda a fazer torta de nozes e outros deliciosos pratos
no livro de receitas da ministra Eliana Calmon

por Flávio Novaes e Fernanda Santana

CORREGEDORA ESCOLHE RECEITA:
simplicidade é o segredo do sucesso

A foto é aérea. Em primeiro plano, exuberantes, o forte de Santo Antonio da Barra e o farol na entrada da baía. Atrás, o edifício Oceania. A imagem marca terreno na antessala da ministra Eliana Calmon, em Brasília.

Uma semana depois, entramos no retrato. Estamos naquele mesmo prédio, nono andar, residência da corregedora-nacional de Justiça em Salvador. Na pauta, o sucesso do *Resp – Receitas especiais*, em sua nona edição.

Não há castanha de caju tampouco pimenta malaguetada. Nada de cozinha baiana, trabalhosa. As 300 receitas que compõem a publicação são de pratos simples, para os quais “se utilizam liquidificador e forno micro-ondas”, como ressalta a autora.

Talvez o segredo do sucesso. Disponível no gabinete da ministra e na internet, pelo site de compras *Mercado Livre*, a publicação é uma das mais vendidas. De acordo com números da assessoria de Eliana Calmon, a mais recente edição já ultrapassa os cinco mil exemplares vendidos, um número considerável para o segmento.


A história começa na infância. Ela lembra – já de avental e tudo – que, ainda criança, aos oito anos, acompanhava a mãe, Elisabete, em um famoso curso de culinária na capital baiana, o *Kate White*. Com um caderninho a tiracolo, fez as primeiras anotações. Para ficar mais divertido, ilustrava com figuras da revista *O Cruzeiro*.

“Depois, o caderno sumiu. E só após a morte de minha mãe eu o encontrei”, conta. Lá estavam a mesma letra tremida, os mesmos recortes, os primeiros registros.

Anos depois, o passado iria se unir ao futuro. Eram tempos de Tribunal Regional Federal da 1ª Região, na capital federal. Novembro de 1994. A então primeira mulher a integrar a corte sugere ao amigo e conterrâneo presidente do Tribunal, Ermenito Dourado, a produção de algum evento que marcasse a passagem do Dia Internacional da Mulher, em março. “É importante que a gente festeje isso. Apesar de ser a única desembargadora, temos muitas servidoras”, relembra o papo com o colega.

Pedido acolhido, convida a então deputada federal Marta Suplicy para uma palestra. Além de parlamentar, Marta era estrela de um programa da tevê. “Mas acabou não dando certo, e acabei convidando outra deputada, Sandra Starling, que havia participado da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da violência contra a mulher”, diz. “Meus colegas adoraram, porque ficaram sabendo de muita coisa ali”.





LEMBRANÇAS:
*livro começou a ser
produzido na infância*

Mas era pouco. A desembargadora ainda pensava em outra atividade e aproveitou a onda tecnológica para, primeiro, manter os arquivos de infância. Na época, o Tribunal promovia um curso de digitação para o início do uso da informática nos gabinetes. “Eu estava treinando quando tive a ideia de colocar as receitas no computador”.

E as ideias foram sucedendo. No meio do caminho, pensou alto: “gente, eu posso fazer um livro”, lembra. “É que eu também vinha notando que havia um preconceito das próprias mulheres contra a cozinha. Muitos achavam que era uma atividade menor, que intelectual não pode, não cozinha, e diziam não gostar. E isso não estava certo”, afirma, firme.

*Sou uma profissional
bem-sucedida,
desembargadora federal,
professora universitária
e gosto da cozinha*

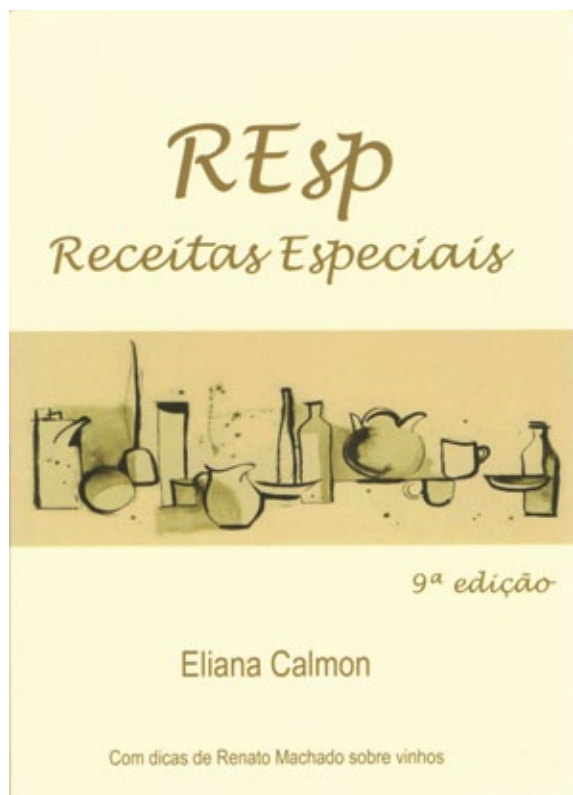
Usou da posição de destaque na magistratura para formar opinião. E conta o que bolou. “Eu vou dizer o seguinte: sou uma profissional bem-sucedida, desembargadora federal, professora universitária e gosto da cozinha. E cozinho! A prova é que estou oferecendo um livro”.

Resolveu editar apenas as tais receitas simples. Pediu ao pessoal da informática para formatar os textos – afinal, ainda não era uma craque do computador –, foi a uma gráfica no Núcleo Bandeirantes e, pronto. Nascia a primeira edição, fininha, com o nome de “Receitas da Mulher Moderna”.

Antes, houve o anúncio de que a professora de Direito Civil e de Direito Processual Civil, procuradora da República, juíza e depois desembargadora federal, ministra do Superior Tribunal de Justiça, iria lançar mais uma obra.

Expectativa geral. Mas o teor não foi exatamente o esperado. “Ahhh, foi uma pândega. Todos riram muito, acharam interessantíssimo. Vendi a R\$ 3, um preço simbólico, apenas para cobrir os custos da gráfica”.

O sucesso, enorme. A procura era grande até que surgiu uma nova possibilidade para um relançamento. “No chá de cozinha de minha irmã, sugeri dar como lembrança o livro. A família do noivo e a nossa família



LIVRO: receitas, dicas de vinhos, etiqueta e muito mais



CNJ: cotidiano difícil não tira prazer por outras atividades

indicaram novas receitas, boas e simples”. A publicação crescia mais um pouquinho.

E mais um pouquinho na terceira edição, com a repetição da ideia no chá de cozinha da sobrinha. Na edição seguinte, o que era lúdico se transformou em uma poderosa ação de fazer o bem. Os direitos autorais foram doados para a creche Vovó Zoraide, em Uberaba, interior de Minas Gerais.

Tudo porque Regina Rodrigues, antiga chefe de Gabinete da ministra no Superior Tribunal de Justiça, abriu o espaço para receber os filhos das empregadas domésticas. As crianças chegam às sete da manhã e saem às sete da noite, com todas as refeições realizadas. “O livro tem rendido muito, agora Regina toma conta de tudo”, explica Eliana. Bom para a creche.

Foi lançada uma campanha no *Facebook* para divulgar o *Resp*. O concurso premia as três melhores propostas gastronômicas enviadas pela página oficial do Superior Tribunal de Justiça na rede social. Os vencedores ganharão um exemplar da obra e terão as receitas publicadas na próxima edição.

Mas os momentos ainda são para curtir o sucesso, principalmente depois da visita ao programa Mais Você, da Rede Globo, apresentado por Ana Maria Braga, no último dia 8 de março. Cartas e *e-mails* não param de chegar ao gabinete.

É cada vez maior o número de pessoas que saboreiam pratos a exemplo do filé de peixe com manga, o bolo maravilha de banana ou o bacalhau com natas. Mais: a novidade é um capítulo destinado às receitas sem glúten, como o pudim de batata doce com coco, o nhoque de ricota, o pão de cenoura e o bolo de mandioca. A pedida se junta aos pratos *diet* e *light* e às dicas de vinho do jornalista Renato Machado.

E nas páginas finais do livro, “Dicas Importantes”, essenciais. Aprenda a *Arte de Receber*, seja em almoço para senhoras, em um chá da tarde ou na festa italiana. Saiba também como eliminar odores desagradáveis, qual a quantidade mínima de panelas em uma casa e como melhor utilizar especiarias.

Pronto para ser saboreada, a nona edição do *Resp – Receitas Especiais* – uma brincadeira com a abreviatura de Recursos Especiais – traz exatamente o que uma mulher prendada precisa saber – e fazer. E não que isso signifique um ato de submissão frente aos desafios da sociedade moderna. Que o diga a ministra Eliana Calmon. ■

TORTA DE NOZES

A preferida da ministra

INGREDIENTES – MASSA

- 6 ovos
- 250g de açúcar
- 3 colheres de sopa de farinha de rosca
- 1/2 kg de nozes moídas

MODO DE PREPARO – MASSA

Bata as claras em neve, junte o açúcar, depois as gemas. Por último, coloque a farinha de rosca e as nozes moídas, misturando delicadamente. Assar em duas formas iguais, untadas e polvilhadas.

INGREDIENTES – RECHEIO

- 2 xícaras de açúcar
- 1/2 xícara de água
- 1 colher de sopa de manteiga
- 3 gemas
- 1/2 kg de nozes moídas

MODO DE PREPARO – RECHEIO

Faça uma calda bem rala, coloque a manteiga e deixe esfriar. Junte as gemas e as nozes. Recheie e cubra o bolo, enfeitando com as nozes e fio de ovos.



AMOR PELO QUE FAZ:
“Gosto da cozinha. A prova é que estou oferecendo um livro”

Fotos: Felipe Amorim





QUANDO A NOITE PEDE UM BLUES

Banda formada por procuradores
do Estado de São Paulo propaga paixão
pela música negra norte-americana

por Mariana Rios

MIGUEL: *solos de guitarra
para amenizar o estresse
do dia-a-dia*



A chuva no final do dia transforma a volta para casa em São Paulo. Mas, antes que a melancolia invada a alma com a força de uma enxurrada, um grupo de procuradores do Estado de São Paulo age em defesa de sua sanidade. Não, você não leu errado.

Procuradores não apenas fazem petições, defendem os direitos do Estado, entendem de legislação e burocracia estatal. Na capital paulista, eles tocam *blues*. E reinventam a noite, agora um entreato para um dia de céu azul.

O *show* no Tonton Jazz & Music Bar aconteceu após novo recorde de congestionamento na cidade. Porém,

alheios aos 145 quilômetros de fila – e inspirados no autêntico *blues* negro de Chicago –, Jorge Miguel Filho e Marcelo de Carvalho mostram que as mãos que cobram a Dívida Ativa também dedilham com maestria cordas de guitarra. E formam com os músicos profissionais Daniel Casulli (baixista) e Fernando Rapolli (baterista) a banda Curva de Rio.

“Na linguagem do interior, curva de rio é o lugar onde param as tranqueiras, onde se enroscam as coisas, pneu velho, lata”, brinca Miguel Filho. Mais do que o nome curioso, o grupo chama atenção pelo repertório,

MIGUEL, JÚLIA, MARIA
BEATRIZ E MARCELO:
música de qualidade



pelo bom entrosamento no palco e, agora, pela presença de duas belas vozes femininas: as colegas procuradoras Maria Beatriz de Biagi e Júlia Giovanetti.

A dupla tem ensaiado com os rapazes desde novembro, quando a Curva abriu o *show* da cantora Rita Lee, na festa de final de ano da Associação de Procuradores do Estado de São Paulo, a Apesp. “A banda é supercoesa, me sinto bem à vontade e a impressão é de que toco com eles há tempos”, conta Beatriz, que solta a voz em clássicos dos Beatles e faz *backing vocals* em canções de Bob Marley a Albert Collins.

As principais referências são B.B. King, Buddy Guy, Dick Dale, Ronnie Earl e Eric Clapton. O repertório muda conforme o público. Quando é eclético, como no *show* daquela quarta-feira chuvosa, inclui Beatles e Rolling Stones, mas sempre com uma ‘pegada’ *blues*.

Apesar das concessões, o grupo faz questão de enaltecer e divulgar o gênero tocado pelos negros americanos, estilo que influenciou mais de uma geração de grandes nomes do *pop* atual. “Tocamos as músicas de que gostamos, de acordo com os nossos arranjos e interpretações, procurando não nos distanciarmos das raízes”, explica Marcelo, que aprendeu as nuances na guitarra com Miguel Filho. “Estudei piano erudito dos sete aos 15 anos, depois violão e contrabaixo. Demorei muito para compreender a linguagem do *blues*”, reforça.

A explicação sobre essa sonoridade peculiar fica simples quando eles sobem ao palco. “É um som diferente de tudo, não é pasteurizado. Tentamos nos aproximar desse estilo mais selvagem, mais cru”, sintetiza Miguel. Nessa busca, os procuradores-músicos chegam a participar da passagem de som com o técnico da casa.

O grupo começou com três colegas, em 1998, em volta de um piano durante um *happy hour* na casa de Miguel Filho. “Achamos uma linguagem comum fora do ambiente de trabalho”, diz. Um dos fundadores, o procurador Derly Barreto Filho, agora acompanha da plateia a evolução do conjunto. Ele e Roberto Zular, que também integrou a banda, tiveram que abrir mão da música por causa da vida acadêmica. Agora, apresentam-se para estudantes de Direito da PUC e da USP.

Para explicar essa conjunção, a princípio tão diversa, Miguel Filho exemplifica como o aprendizado sobre o palco pode ser revertido para o exercício profissional. “O *blues* te ensina a viver com intensidade, cada nota tem um sentido, uma mensagem, uma alma, uma personalidade, um propósito. Por exemplo, ao escrever uma petição, você pode em poucas palavras dar seu recado”, compara Miguel.

A paixão é repassada aos dois filhos adolescentes, que herdaram o gosto pelos palcos e já trilham um caminho no meio musical. Jorge Augusto e Maurício, acompanhados de Felipe, filho de Zular, tocaram na abertura do *show* da Curva de Rio. E taí outra lição do *blues*: o compartilhar, como faz o famoso guitarrista americano Buddy Guy ao apresentar, em seus shows, o menino-prodígio Quinn Sullivan.



MARCELO: arranjos e interpretações próprias, sem se distanciar das raízes



MARIA BEATRIZ E JÚLIA: belas vozes na Curva do Rio

A maior parte do público do *show* que a PODERES EM REVISTA acompanhou era formada pelos colegas de Procuradoria, que dão sugestões, criticam e apoiam os procuradores-músicos. “Todo mundo tem um sonho na vida. As pessoas se emocionam quando veem, torcem, compartilham dessa alegria”, explica Miguel Filho.

Não tem como a plateia, mesmo quase surda por buzinas da megalópole, ficar impassível. “Acredito que a fórmula do sucesso de nossa banda está na utopia que ela representa. É uma fábrica de amizade, de sonhos e de esperança por um mundo melhor, sempre deixando uma porta ou uma janela aberta para quem quiser entrar”, diz Marcelo.

Ao todo, a banda fez cerca de dez *shows* oficiais, mas toca religiosamente toda terça-feira no estúdio AD Road, do baixista Daniel. São mais de 40 músicas no repertório. “Você economiza com psicólogo, canaliza boa energia, e isso reflete no seu trabalho”, explica o *band leader*, Miguel Filho, que tem 18 guitarras, algumas de colecionador, versões assinadas pelas lendas que admira.

Entre elas, uma da linha Lucille, inspirada em uma guitarra que B.B. King salvou de um incêndio, está avaliada em mais de R\$ 15 mil. “Eu sou fanático. Toda noite, ouço muito”, revela.

Como todo bom caminho que se preza tem uma curva, ele afirma, aos risos, que o grupo não tem uma agenda fixa. A rotina diária na Procuradoria e o trabalho desgastante de músicos na noite pesam na decisão. “É puxado. Até desmontarmos tudo são necessárias pelo menos duas horas. Temos que acordar cedo no outro dia”, justifica Miguel Filho.

Ele, no entanto, diz que o poder do *blues* está disponível para qualquer ocasião. “É só chamar. Podemos tocar em aniversário, velório, batizado, confraternização de fim de ano”.

Bom humor, boa música e ao final da apresentação, já quase uma da manhã, indo para casa, não existem mais aborrecimentos, trânsito, cansaço. Que graça teria a vida se ela fosse uma linha reta? Ou se no fim dia não tivesse uma nota de *blues*? ■

Mais de meio século de história em defesa de quem defende a sociedade.

Associação dos Delegados de Polícia do Estado da Bahia. Uma longa trajetória marcada pelo espírito combativo em busca do fortalecimento da classe.

ADPEB

ASSOCIAÇÃO DOS DELEGADOS DE POLÍCIA DO ESTADO DA BAHIA



Referência nacional em negociação e diplomacia.

A VIDA ALÉM DO DIREITO | **MERGULHO**

ENCANTOS DO FUNDO DO MAR

Juíza federal de Sergipe vive as aventuras pelos paraísos do mundo em busca das belezas naturais debaixo d'água

por **Fernanda Santana**





LIDIANE:
*explorando a
vida marinha*

O enigmático e curioso mundo marinho fascinou a juíza federal sergipana Lidiane Vieira de Menezes, que, aos 18 anos de idade, submergiu nas águas marinhas em busca de mais aventura. O convite para mergulhar veio dos primos aventureiros, Virgílio e Roberto, que estavam com viagem marcada para Fernando de Noronha. No arquipélago, aconteceu o batismo.

Do navio, não resistiu ao chamamento das águas cristalinas. Resolveu conhecer os mistérios do fundo do mar. “Meus primos tinham equipamento, mas eu fiquei

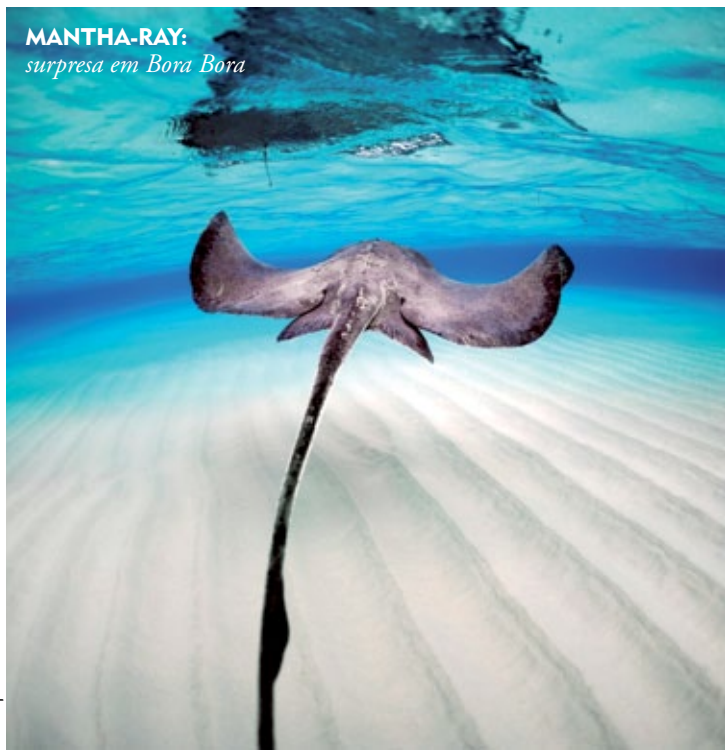
outras práticas esportivas. Lá esteve ela descobrindo o rappel, a tirolesa ou belas paisagens nas trilhas. Mas por pouco tempo. “Depois que meus filhos nasceram, resolvi que não podia mais aventurar-me com tanta intensidade e resolvi ficar só na água”, conta ela, que, antes de assumir a magistratura, era promotora do Ministério Público da Bahia. O marido Marcelo, que conheceu as maravilhas submersas graças à esposa, contribuiu para a escolha. Hoje, dividem as mesmas emoções pelos sete mares.

ESPETÁCULO:
*beleza da fauna
e flora marinhas*



istockphoto

MANTHA-RAY:
surpresa em Bora Bora



istockphoto

em apneia, imaginando como devia ser fantástico o mundo submarino, sem pressa. Cheguei a ver um polvo e fiquei encantada.”, lembra. Apneia é a modalidade na qual o mergulhador não usa o material apropriado para a respiração subaquática.

Após a primeira experiência, aquela que a gente nunca esquece, Lidiane voltou a Sergipe decidida a entrar em um curso. E assim o fez. Na escola Amigos do Mar, em Aracaju, tirou o certificado *Open Water*, uma espécie de autorização para ‘viagens’ mais próximas da superfície.

Amante da natureza, a juíza também experimentou

Mas a aventura começa em casa, em frente ao computador. A ferramenta Google Earth é o ponto de partida. “A gente procura um local onde o mar está bem azul, aproxima a imagem e descobre um lugar lindo. Pronto, o local da próxima viagem está escolhido”, conta.

As atividades na 4ª Vara do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, Seção Judiciária de Sergipe, impedem que Lidiane pratique o esporte como gostaria. Mas há espaços nas agendas exclusivamente reservados para a paixão do mergulho. Além de Noronha, o casal conhece outros destinos paradisíacos, tudo em nome da vida no fundo

do mar. No Brasil, Recife, Salvador e Ilha Grande, em São Paulo, são alguns deles. No exterior, Lidiane e Marcelo já visitaram Curaçau, nas Antilhas Holandesas; Los Roques, na Venezuela; Playa del Carmen e Cozumel, no México; San Andrés e Providência, na Colômbia, além de Morea e Bora Bora, no Taiti.

“Sem dúvida nenhuma, dois destes lugares tiraram meu fôlego: Bora Bora, onde vi uma *mantha ray* e em Los Roques, com uma diversidade marinha indescritível”, relembra. *Mantha ray* é uma espécie de arraia.

que aconteceu. Quando o casal percebeu a pressão em 10 bars, resolveu subir por conta própria. Aí, a surpresa: não havia embarcação.

O episódio lembra o filme *Mar Aberto*, de 2003. Um casal, em férias, é esquecido pelo guia em um passeio de mergulho.

“Inicialmente, tentamos manter a calma. Mas, uns 15 minutos depois, o desespero começou a tomar conta da gente. Mas encontrei o meu apito, que sempre deixo em meu colete salva-vidas, e comeci a apitar com toda



NAUFRÁGIOS:
tesouros submersos

Stockphoto



MERGULHO:
*paixão, mesmo
com sustos*

Pinto Ferreira

MEDO Mas nem sempre o mergulho foi só prazer na vida da juíza. Na mesma ilha favorita de Los Roques, que ela chama de “meu lugarzinho no mundo”, ao lado do marido, resolveu mergulhar em um local conhecido como Pedra Rasa. Três casais estrangeiros e um guia também estavam no lugar.

Lidiane e Marcelo deveriam retornar à superfície quando a pressão no equipamento de mergulho alcançasse o limite técnico de 50 bars – unidade utilizada para medir a pressão atmosférica. Para isso, deveriam ser informados pelo guia, a postos no barco. Mas não foi o

a força”, conta a magistrada. “Depois de algum tempo, fomos vistos, e a embarcação veio nos resgatar. Os demais casais começaram a retornar à superfície já desesperados e sem oxigênio, pois continuaram seguindo o guia. Todos foram resgatados, mas a situação gerou um mal-estar muito grande diante da irresponsabilidade do guia”, recorda.

Tudo terminou bem. “Gosto muito de viajar, mergulhar e conhecer coisas novas, viver novas experiências”. Uma nova viagem está nos planos. Mas que seja só de descobertas com prazer, sem sustos. ■

Fotos: arquivo pessoal



JOGOS OLÍMP

Prepare-se para a festa de Londres, em julho. Antes, conheça o juiz





ANDRÉ NA VILA OLÍMPICA:
*entrando para a história
do esporte brasileiro*

ICOS, EU FUI!

que participou da Olimpíada de Atlanta, em 1996 por **Herbem Gramacho**



André Vorraber Costa já chama atenção porque, aos 35 anos, é o juiz titular da Vara do Júri de Novo Hamburgo, na região metropolitana de Porto Alegre. Mas, embora nem tão visível quanto a pouca idade comparada à dos meritíssimos colegas, o mais inusitado é o que este magistrado realizou antes de usar a toga pela primeira vez.

André competiu nas provas de remo dos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996. Para chegar lá, não precisou de três anos de atividade jurídica, mas se dedicou à prática esportiva durante cinco anos e meio. “Eu remou desde os 14 anos. A partir dos 17, o treinamento se intensificou bastante, com dois anos de antecedência para a Olimpíada”, conta o juiz atleta.

Como se pode notar, a história esportiva surgiu antes da jurídica na vida deste gaúcho, que começou a remar nas águas do Rio Guaíba, em Porto Alegre, graças a uma pessoa que ele nunca viu. “Meu avô remou. Um avô que eu sequer conheci. Uma vez, vi um pessoal remando e comecei. Daí, gostei, vi que tinha aptidão...”.

A aptidão que até hoje falta com a bola nos pés já sobrava com o remo nas mãos desde os anos 1990. E, incorporando a palavra “disciplina” ao seu vocabulário, foi longe. Eram dois treinos por dia, “de domingo a domingo”.

Uma adolescência vivida em remadas ininterruptas que culminaram na chance de disputar o maior evento esportivo do planeta. Em Atlanta, o quarteto brasileiro do *four skiff*— tripulação de quatro remadores com um par de remos cada —, categoria na qual competiu, foi eliminado na repescagem e ficou com o 14º lugar.

Sem medalha, mas com lembranças que douram a alma. “Ver os outros competindo emociona. Sinto saudade de minha época. Sempre passa pela cabeça”, afirma o magistrado, que registrou muitas imagens na máquina fotográfica analógica. Digitais eram raras em 1996.

“Um colega de barco, Giovanni (della Valentina), tem uma foto com Muhammad Ali dando um soco no queixo dele. Mas o que mais me chamou atenção foi um atleta do remo da Inglaterra, Steve Redgrave, que conseguiu um feito até então inédito. Ele, no remo, é um ícone pelo ótimo resultado durante 20 anos. Se não me engano, tem até o título de *Sir* (senhor, em inglês) pelo mérito esportivo”, diz.

Redgrave recebeu tal honraria da rainha Elizabeth II por ter conquistado cinco ouros olímpicos seguidos, de 1984 a 2000. O cientista Isaac Newton, descobridor





O JUIZ NO GUAÍBA:
*prática do remo continua
mesmo após entrada
na magistratura*

da Lei da Gravidade, o ator Charles Chaplin e o músico Elton John ganharam o mesmo título de nobreza.

Após retornar de Atlanta, André continuou competindo em alto nível. “A gente volta da Olimpíada cheio de expectativa. Fui a mais um Campeonato Mundial na França, em 1997. Depois segui treinando”, relata. Mas, para trilhar o caminho promissor na carreira jurídica, o remador teve que fazer uma escolha. E, após a formatura em Direito no ano 2000, o esporte deixou de conviver com André de domingo a domingo.

“Opotei por me dedicar ao estudo”, conta agora o juiz sobre aquele veredicto que deu na própria vida há 12 anos, e que o fez atuar como advogado da Caixa Econômica Federal, ser aprovado em concurso público, ir morar no interior do Rio Grande do Sul e parar com o remo.

Mas surgiu a transferência, em 2008, para Novo Hamburgo, a 40 quilômetros de Porto Alegre. Pronto. Voltou a remar nas águas do Guaíba nas primeiras horas da manhã, antes de ir trabalhar.

André até já retornou à seleção brasileira sênior em 2009 e 2010, mas depois não conseguiu manter o alto rendimento nas duas atividades. E não pense que isso é fácil para um ex-atleta olímpico. “Hoje eu tento encarar como *hobby*, mas pra quem tem um retrospecto competitivo é difícil. Você vai ficando mais velho, tem outros compromissos, e seu rendimento não é mais o que era.

ATLANTA MARCOU CENTENÁRIO DOS JOGOS DA ERA MODERNA

A Olimpíada de Atlanta teve o lendário ex-pugilista Muhammad Ali acendendo a pira olímpica na cerimônia de abertura, registrou a primeira medalha de ouro feminina conquistada pelo Brasil na história dos Jogos, com a dupla Jacqueline e Sandra no vôlei de praia, e marcou a despedida de Carl Lewis, norteamericano que conquistou nove ouros no atletismo.

Ficou na história, principalmente, por marcar o centenário dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, que surgiram em Atenas, em 1896. Por isso, a escolha da capital do Estado da Geórgia como sede, e não da capital grega, gerou insatisfação em setores ligados ao movimento olímpico.

Atlanta foi vítima de um atentado a bomba que matou uma mulher e deixou 111 feridos durante a Olimpíada. “Eu soube, mas foi fora da Vila. Na Vila Olímpica, era um sistema de segurança muito bem organizado. Mas eu não tinha nenhuma preocupação com terrorismo, nem passava pela minha cabeça”, recorda o juiz André Vorraber Costa. O suposto autor dos atentados é um norteamericano, que foi preso e condenado à prisão perpétua.



VENCEDOR: André, primeiro à esquerda no four skiff, comemora a classificação para a Olimpíada



NO TRABALHO:
*juiz é o titular da
Vara do Júri de
Novo Hamburgo*

Outra dificuldade é o cansaço. E vai surgindo o pessoal mais jovem também”, enumera.

Para os mais jovens, fica uma boa inspiração, embora não seja a intenção de André ao dizer as palavras a seguir. “Olho pra trás e acho que poderia ter estendido um pouco mais minha carreira no esporte, mas foi uma decisão acertada. O esporte não serviu apenas para ir às competições. O esporte molda as pessoas, gera uma disciplina muito grande na vida”, enaltece, parecendo reviver seus últimos 21 anos em uma frase. Por fim, a sentença. “No fundo, o bom é que a pessoa se dedique pra aquilo que lhe dê prazer. Certamente isso reverte em algo positivo”. Publique-se. Intime-se. E cumpra-se. ■



Uma linha no meio de um anúncio. Pode representar a Justiça, que como toda linha tem início, meio e fim. Pode representar a base de sustentação de uma associação forte. Pode representar o sorriso de satisfação de cada magistrado baiano que comemora os 3 prêmios do CNJ e os mais de 425 mil processos julgados em 2010.

Justiça, base forte e satisfação dos associados. Essa é a nossa marca.



Coluna do Servidor: Aumento mantido para Judiciário (mas existem pré requisitos)

SINDICATADA - 2 horas atrás

POR ALESSANDRA HORTO Rio - A Lei de Diretrizes Orçamentárias 2017 da União Nacional, manteve o Artigo 78 , que autoriza as despesas relativas a reajustes e aumentos de remuneração dos servidores do Judiciário Federal e dos Estados previstos nos Projetos de Lei 5.613/06 e 5.697/06. O artigo também

Últimas notícias jurídicas

Avaliação econômica da margem à disposição

AVANÇO - 1 hora atrás

Avaliação econômica da margem à disposição

Parâmetros INSS 2017

MAIS 7 NOTÍCIAS

INSS pagu

Original D

Segurança

2017



JusBrasil

O Direito em tempo real

www.jusbrasil.com.br

Conheça também nossos serviços:

Identidade Profissional

Tão importante quanto vestir-se bem é dar uma roupagem profissional à sua empresa.

Website Profissional

Tão importante quanto ter um escritório é tê-lo presente na internet.

Marketing Jurídico

Leve seu escritório a mais de 5 milhões de leitores mensais.

Recortes (Diários Oficiais)

Acompanhe seus processos de forma eficiente.



PONTO DE VISTA JOSÉ CARLOS GOMES

A vida é bela... 2

Algum tempo atrás, escrevi um artigo chamado “A vida é bela...”, cuja ideia principal vou reproduzir novamente aqui, criando para esse seletíssimo grupo que me lê um probleminha jurídico novo: o plágio de mim mesmo. É que gosto tanto do assunto e de lembranças que ele me traz, que dividi-las com um novo universo não pode ser crime, além do que, já estaria prescrito...

O tema era sobre prazeres da vida, e como, à época, eu era dono do Trapiche Adelaide, restaurante de Salvador algumas vezes eleito o melhor da cidade, me acharam credenciado para falar sobre a cozinha chamada “fusion” – modismo temporal – e os grandes *chefs*, etc... Só que, ao invés de ir por esse caminho, as sensações de prazer que me vinham na cabeça me puxavam para um outro lado.

E fui pensando num bife a cavalo com batatas fritas, bife à milanesa com purê de batatas e creme de espinafre, carne assada no molho ferrugem com macarronada, uma rabada com agrião e polenta, uma dobradinha com feijão branco e linguiça e, especialmente, um gostoso cozido ou costeletinhas de porco com farofa, arroz e feijão – que cardápio delicioso! E esse era o “menu” de qualquer família de classe média na época em que saudável era comer de tudo, e foi como passei muito bem toda minha infância e adolescência. Minha mãe fazia maravilhosamente bem esses e muitos outros pratos, e, como amava ser elogiada por seus temperos e as roupas que costurava, não delegava seu fogão nem quando estava resfriada ou em dias de TPM (descoberta quando ela talvez já estivesse na menopausa). O fato é que cresci assistindo e praticando diariamente a regra número um da boa gastronomia: “o prazer”.

Quantas de Vossas Excelências tiveram essa mesma felicidade em determinada época de suas vidas, pelas mãos de avós, mães ou empregadas-cozinheiras maravilhosas, não é mesmo?

E tem o prazer dos que comem e o dos que fazem – aqueles(as) que amam comprar os materiais da sua cozinha, seja ela doméstica ou comercial, comprar os

ingredientes para o preparo das suas receitas e, acima de tudo, têm muito prazer em transformá-los em algo especial para os sentidos, seu e dos outros. Outros que, como eu, tiram todo seu prazer da degustação, que começa pela boa sensação de uma mesa bem apresentada, talheres e copos adequados, pratos bem finalizados, suficiente tempo para apreciar cada detalhe do enredo. E, importantíssimo, boa(s) companhia(s) – porque, só, melhor um *cheeseburger light* no Mac e no carro, escutando música.

Além do calor humano, há, obviamente, o acompanhamento da bebida. É claro que um bom e “velho” vinho é quase unanimidade entre os apreciadores da boa mesa, e, apesar de lhes dar absoluta razão, não podemos menosprezar aqueles que elegem a cervejinha gelada, ou a Coca com gelo, as deusas mais que perfeitas para levar-lhes ao Olimpo. Na verdade, o prazer é subjetivo, sensitivo, mutável e predominantemente profano, eis porque pode ser tão pessoal e constantemente aprimorado.



arquivo pessoal

Ao longo dos anos que passei me dedicando a proporcionar às pessoas o entretenimento de comer, beber e divertir-se, saindo do conforto de suas casas e ainda tendo que pagar por isso, procurei desvendar os mistérios do prazer como um abnegado analista correndo atrás das motivações dos seus pacientes.

Não cheguei lá, mas tive um enorme prazer com aquilo! ■

José Carlos Gomes é empresário

O BRASIL INTEIRO ESTÁ MUDANDO PARA
ORAL-B PRO-SAÚDE, ELEITO O PRODUTO
DO ANO PELOS CONSUMIDORES.*



"Nunca senti meus
dentes tão limpos"

Ana Gequelin, empresária

Dr. Ronaldo
Boccaletti
CRO 14.924/RJ
Dentista do ator
Caull Raymond



AGORA SÓ
FALTA VOCÊ!

publisbrazil

*Pesquisa realizada com consumidores por instituto independente/2010

Oral-B

PRO-SAÚDE
DESENVOLVIDO COM DENTISTAS. CLINICAMENTE COMPROVADO.



ESPECIAL SAÚDE

Levanta-te! Ficar sentado por muito tempo pode provocar lesões graves, alertam urologistas. A segunda edição do Caderno Saúde, produzido pelo jornalista Juan Torres, traz uma reportagem especial sobre o tema, importante para os profissionais do Direito. Também tratamos sobre o bruxismo, o mal do estresse. As pressões, as contrariedades provocam o hábito de ranger os dentes, afetam a fala e acarretam insuportáveis dores de cabeça. Ao final, a estreia da seção Mitos ou Verdades: faz mal ficar tanto tempo em frente ao computador? E mais: o caderno agora conta com uma participação especial. A jornalista Gabriela Rossi, assessora e consultora em comunicação na área de saúde, aborda a preocupação do Conselho Nacional de Justiça com o bem-estar dos integrantes do Judiciário.

IBR. 56 ANOS
DE HISTÓRIAS
DE SUPERAÇÃO
E DE MUITAS
REABILITAÇÕES.



O IBR é, hoje, uma das maiores referências de recuperação de pessoas com deficiência motora do Brasil. Gerenciada pela Fundação José Silveira, o IBR disponibiliza à comunidade baiana consultas médicas, terapias de reabilitação, pós-reabilitação, exames de análises clínicas e oficina ortopédica. Tudo gratuitamente. Além disso, o IBR oferece para os seus pacientes cursos de arte e pintura, grupos de apoio, programa de amparo a pacientes com patologias crônicas de risco obstétrico, entre muitos outros. São 56 anos de muitas vidas que ganham um novo sentido a cada conquista. Por ano são mais de 215 mil atendimentos que vão muito além do tratamento físico, melhorando vidas e apostando no trabalho de superação do ser humano.

www.fjs.org.br

IBR 
FUNDÇÃO
JOSÉ
SILVEIRA
Reabilitando vidas.

Isac Luz

CAÇA AO BRUXISMO

Hábito de ranger os dentes está ligado ao estresse e, se não for tratado, tem graves consequências

Paciente: DANIELE FONTES VAS
Data Nasc.: 07/09/1987
Idade: 24,3m.
Data Ex.: 13/12/2011
Dentista: FABRIZZA ROBERTA
N.º S.: 903



Estada dos Três Rios, 129 sala: 201 - Freguesia - Jacarepaguá Tel: 24252029





RITTO, CIRURGIÃO:
*mal pode afetar todo
o equilíbrio do corpo*

Sei que corro risco de perder 90% de vocês de cara, leitores, mas vou contar logo: o bruxismo não tem absolutamente nada a ver com bruxas. A palavra tem origem no grego *brúkhein*, que significa “ranger dos dentes”. A primeira aparição do termo foi em um trabalho científico francês, de 1907, em que o mal foi denominado “*bruxomanie*”. Em inglês, virou “*bruxism*” (pronuncia-se ‘brucizm’) e, em português, acabou ficando com esse nome engraçado.

Pronto. Agora, com vocês provavelmente mais tristes depois do fim do encanto, vamos lá. Chama-se de bruxismo o hábito de ranger (ou apertar) os dentes. O mal está diretamente relacionado ao estresse e à ansiedade. Por algum motivo que nem os médicos nem os dentistas sabem ao certo explicar, em algumas pessoas, um estado de tensão permanente ou temporário leva à contração involuntária e, na grande maioria das vezes, inconsciente dos músculos da mastigação. O que, consequentemente, faz a pessoa apertar ou ranger os dentes.

“Algumas pessoas com níveis altos de estresse sofrem com queda de cabelo, outras apresentam manchas na pele. Tem gente que range os dentes. É uma contração involuntária dos músculos da mastigação, uma necessidade de descarga da pressão que leva a pessoa a travar a boca”, explica a dentista Kenya Felicíssimo, especialista em odontologia do sono.

Sendo involuntário, inconsciente e, ainda por cima, muitas vezes acontecer à noite, enquanto a pessoa está dormindo, eis o primeiro desafio do bruxismo: diagnosticá-lo. Se ele for noturno, é preciso que alguém ouça

o barulho do atrito entre os dentes. E isso se ele for de rangimento. No caso de ele ser apenas de apertamento – como os dentistas o denominam quando o paciente pressiona um dente contra o outro, sem arrastá-los – não há nem barulho. E mesmo que o bruxismo ocorra durante o dia, como está tudo ligado a um estado de tensão, é muito difícil que a pessoa sequer perceba o hábito.

Para piorar, quem é que, ao sentir uma dor de cabeça, vai imaginar: “Opa! Estou com bruxismo”? Pois é. Dores de cabeça, de ouvido e na cervical estão entre as principais consequências do bruxismo. Mas, como esses sintomas podem ter muitas outras origens, dificilmente um paciente detecta o problema antes que um dentista perceba um desgaste excessivo nos dentes ou que

**Dores de cabeça,
de ouvido e na
cervical estão
entre as principais
consequências
do bruxismo**



a pessoa sinta dores na articulação temporomandibular (que liga a mandíbula à maxila e responde pela sigla ATM), onde estão localizados os tais músculos da mastigação, sendo o masseter o principal deles.

“São dores irradiadas, que pegam principalmente a parte frontal e lateral da cabeça, além da cervical. Para você mastigar, toda a região da cabeça e pescoço trabalha, tudo está interligado”, diz Felicíssimo. “Quando você morde forte, também comprime o disco articular (cartilagem da ATM que serve de amortecedor entre a mandíbula e o osso temporal, da lateral da cabeça), e isso reflete no ouvido. É muito comum o paciente procurar o otorrino com dor de ouvido e ele encaminhar para o dentista”, conclui.

Se não for tratado, o bruxismo pode provocar danos que vão de um leve desgaste do esmalte à perda do dente, problemas na gengiva, além de um desgaste excessivo no disco articular que, em casos extremos, pode obrigar até a um tratamento cirúrgico.

E não para aí. “O bruxismo pode ter consequências graves não só para os dentes e para a articulação temporomandibular, mas também para todo o equilíbrio do corpo”, explica o cirurgião bucomaxilofacial Fabio Ritto. “Tudo funciona junto. É como quando você tem um problema no tornozelo direito. Você vai acabar mancando e pode sentir dor no joelho esquerdo”, compara. “Ao ranger os dentes, você mexe na ATM de uma forma que não é para mexer. Isso gera dor na musculatura. Então, você pode, sem perceber, mudar a posição da cabeça em relação ao pescoço para procurar uma posição mais confortável e acabar alterando

a posição da sua coluna. Resultado: você acaba tendo um problema de coluna porque está com bruxismo”, analisa.

Uma vez detectado o mal, o tratamento mais comum é a utilização de uma placa oclusal, uma espécie de protetor semelhante aos usados por lutadores de boxe (ou MMA, se você preferir), feito de resina. O uso dessa placa não só impede o atrito entre os dentes superiores e os inferiores como, também, força o paciente a manter os dentes constantemente entreabertos, o que permite um relaxamento nos mús-

culos da mastigação, diminuindo a carga sobre a articulação.

O problema está solucionado? Não. Embora evitar que você continue estragando seus dentes seja ótimo, uma placa colocada em sua boca não vai acabar com seu estresse. Por isso, recomenda-se um tratamento multidisciplinar, em que, além do dentista, também entrem um fisioterapeuta, com exercícios e atividades que ajudem a relaxar a musculatura, e um psicólogo ou psiquiatra para analisar os distúrbios de ansiedade ou tensão que estão na raiz do problema. ■

FELICÍSSIMO:
preocupada com o sono dos pacientes



Arisson Marinho



ATTA: *melhor é estar sempre em movimento*

TÁ SENTADO? CUIDADO!

Especialista alerta: ficar na mesma posição durante horas também traz problemas urológicos

A circulação fica prejudicada, as pernas incham. A postura é ruim, compromete a sua coluna, a barriga cresce... Se nada disso ainda o convenceu a se levantar da cadeira, adicione mais um item à lista de prejuízos – se você for homem! Sua próstata pode inchar.

Como você já deve saber (principalmente se já passou dos 40), a próstata fica próxima ao ânus. Para localizá-la melhor, pense na pequena região entre a bolsa escrotal e o ânus. Chama-se períneo. A próstata é uma espécie de cone cujo vértice vai dar justamente ali. Ou seja, se você encostar o dedo no períneo – não precisa ser agora! –, estará massageando a ponta da próstata. Agora, se, em vez de só encostar o dedo, você apertar forte,

a pressão sobre ela, claro, aumenta.

Já deu para perceber o que acontece quando se passa horas sentado? A próstata sofre. A pressão constante que o peso do corpo vai fazer sobre a área diminui a circulação na região. A consequência mais imediata é uma pequena dormência no local. “É mais ou menos como se você dormisse deitado sobre um braço e ficasse muito tempo nessa posição”, explica o urologista e torcedor do Bahia – definitivamente, não nessa ordem –, Gabriel Atta.

Se a circulação diminui, a quantidade de sangue e outros líquidos estagnados na região aumenta, e o local incha. Consequência imediata: fica mais complicado urinar. Isso porque, por dentro da próstata, passa a uretra (canal que leva a urina a caminho da rua). “É como se fosse uma flecha numa maçã. A flecha está

livre dentro da maçã, mas, pelo fato de você ficar muito tempo sentado, essa maçã incha e comprime a flecha, então a uretra fica mais estreita e a urina precisa de mais força para passar”, explica Atta. “Esse edema faz a próstata inchar mais. Inchada, ela funciona menos e isso pode, com o agravar da situação, comprometer a função prostática e desenvolver uma inflamação, uma prostatite”.

Como consequência da prostatite, o indivíduo pode ficar com dificuldade de urinar e sentir dor ao fazê-lo. Pode até acordar mais vezes para ir ao banheiro à noite – já que, com a uretra comprimida, o jato pode ficar comprometido, deixando a bexiga sem ser esvaziada – o que vai afetar a qualidade de seu sono e, por tabela, seu descanso, seu humor e seu bem-estar em geral.

Tratamento? Até tem. “Tem remédios anti-inflamatórios, descongestionantes e outros que podem diminuir o tamanho da próstata, frear o processo. Mas o melhor tratamento é, simplesmente, fazer atividade física, levantar de duas em duas horas e caminhar por uns dez minutos, e, se der, fazer alongamentos e urinar”, aconselha Atta.

Como mulheres não têm próstata, podem ficar sossegadas? Primeiro, é claro que não, por conta de todos os demais problemas não-urológicos que ficar horas a fio na mesma posição traz; depois, é bom ficar atenta de qualquer forma, porque, segundo Atta, permanecer sentada muito tempo, “associadamente ao uso de roupas justas, pode comprimir a vulva e diminuir a circulação na região, o que aumenta a chance de proliferação bacteriana e inflamação na bexiga. ■

PRÓSTATA EM RISCO

Há quatro males que podem atingir a próstata. A prostatite é apenas um deles. Os outros são a hiperplasia, o câncer de próstata e a prostatodínia. Além da prostatite congestiva, que é decorrente de problemas de circulação, existe ainda a bacteriana, provocada por uma bactéria que penetra no sistema urinário através do pênis e acaba se alojando na próstata. A hiperplasia é mais comum em homens de meia-idade, já que, por razões que a medicina não sabe explicar, depois dos 40 anos, a próstata começa a produzir mais células e aumentar. O câncer também é mais comum a partir dessa idade. Daí a importância do controle periódico. Já prostatodínia é o nome que se dá a dores inexplicadas na região. É conhecida também como Síndrome da Dor Pélvica Crônica.

OUTROS CUIDADOS

Embora os médicos não tenham chegado a uma conclusão definitiva sobre o assunto, na dúvida, é prudente que ciclistas e pessoas que andam de motocicleta ou a cavalo fiquem especialmente atentas à circulação da região do períneo. Há alguns estudos apontando que, nesses grupos, como, além da pressão constante, existem impactos regulares, há maiores riscos de comprometimento na circulação do pênis, podendo provocar, inclusive, problemas de ereção.

MITOS & VERDADES

OLHOS NA BERLINDA

Ficar muito tempo em frente ao computador
realmente prejudica a vista?



MITO. Passar horas em frente ao computador provavelmente vai trazer mais problemas à sua vida social – e às suas articulações, se você não cuidar da ergonomia – do que à sua vista. O máximo que pode acontecer com seus olhos, se você exagerar no tempo diante de um monitor, é um cansaço visual momentâneo, provocado principalmente por dois fatores: o esforço constante de acomodação e a falta de lubrificação.

Sabe quando você aperta o disparador da câmera fotográfica até a metade?

Ali ela faz o foco, certo? Ou seja, calcula a distância do objeto que você quer registrar e realiza os ajustes mecânicos necessários de modo que a imagem apareça nítida. No olho humano, o responsável por essa operação, que os oftalmologistas chamam de ‘acomodação’, é o cristalino. Lente posicionada entre a córnea e a retina, o cristalino trabalha sem descanso e numa velocidade muitíssimo superior à de qualquer máquina fotográfica – já imaginou, a cada movimento do olho, ter de esperar aquele tempinho que as câmeras demoram para conseguir enxergar com foco? Pois é. Embora a gente não perceba, o cristalino trabalha duro, o tempo todo. No caso de um monitor, a exigência é ainda maior, já que é preciso focalizar, constantemente, detalhes relativamente pequenos (letras, símbolos, imagens). O pobre do cristalino, então, passa recibo. E diretamente para a sua cabeça, que começa a doer.

Outro alarme certo de que está na hora de você levantar um pouco da cadeira e dar uma volta é a ardência no olho. “Quando ficamos muito tempo com a atenção fixada no monitor, às vezes esquecemos até de piscar. Esse ressecamento na superfície do olho é que provoca a ardência ou até mesmo sensação de sujeira”, explica o oftalmologista Herbem Maia, da Fundação José Silveira, em Salvador. “É preciso, de vez em quando, sair da frente da tela dois ou três minutos para descansar a acomodação e também lubrificar o olho”, completa.

Vale lembrar que esse cansaço visual é diferente do que se chama ‘vista cansada’, a presbiopia, que normalmente aparece, como explica Maia, em indivíduos de meia-idade. “É comum que, depois dos 40 anos de idade, o cristalino comece a perder a capacidade de acomodação”. Mas isso não tem nada a ver com computador. ■



VIDA MAIS SAUDÁVEL GABRIELA ROSSI

Atenção à saúde no Judiciário

Quais são os principais fatores de risco para as atividades dos magistrados e servidores da Justiça, e como preveni-los? Pela primeira vez na história do Judiciário, este questionamento será alvo de um protocolo destinado a auxiliar os tribunais na identificação dos principais problemas de saúde física e mental e na implementação de medidas de prevenção e incentivo ao tratamento. A elaboração do documento foi anunciada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), no dia 16 de abril último. Conforme divulgado pelo Conselho, a ideia surgiu diante dos crescentes índices de licenças e afastamentos causados por doenças decorrentes do trabalho no Poder Judiciário.

ao estímulo à vida saudável e à qualidade de vida junto aos que atuam na Justiça. Os dados preliminares da consulta pública indicam que as principais reclamações de magistrados e servidores estão ligadas às condições do ambiente de trabalho, como os equipamentos e a ergonomia. Os funcionários da Justiça reclamam, ainda, do desgaste causado pela falta de reconhecimento em relação às tarefas desempenhadas.

A iniciativa seguinte foi acionar os tribunais nos diversos estados para o fornecimento de informações relativas aos indicadores de saúde do corpo de magistrados e de funcionários e aos programas e ações em andamento nesta área. As informações colhidas subsidiarão a formatação do protocolo. Trata-se de um documento que vai referenciar as condutas preventivas e a abordagem de doenças físicas e psíquicas, tais como depressão, estresse, hipertensão, dores crônicas e osteomusculares, entre outras.

Avaliar a diversidade de desafios e a viabilidade das propostas é a estratégia adotada. De acordo com o juiz auxiliar da Presidência do CNJ e integrante do grupo de trabalho, Antonio Carlos Alves Braga Júnior, “o CNJ não quer impor nenhuma fórmula, nem tem a pretensão de limitar as ações a um modelo que sirva para todos. Um programa só não conseguiria contemplar todas as variáveis que têm impacto na saúde e qualidade de vida”.

A adoção de um instrumento norteador da promoção da saúde no âmbito do Judiciário reflete-se não só na qualidade de vida das pessoas, mas, na produtividade. “É indispensável ter planejamento, parâmetros criteriosos e motivação para sensibilizar os colaboradores quanto à importância de uma vida mais saudável. Mudança de hábitos pessoais e melhoria das condições de trabalho são medidas que impactam de maneira muito positiva no bem-estar das pessoas”, constata a psicóloga Rosane Oliveira. ■

Gabriela Rossi é jornalista e atua em assessoria e consultoria em comunicação na área de saúde

Gláucio Dettmar / Agência CNJ



Foi instituído pelo presidente do CNJ, ministro Cezar Peluso, através da Portaria 124, um grupo de trabalho que vai elaborar estudos e apresentar propostas focadas na promoção da saúde no Judiciário. O grupo é integrado pelos juízes auxiliares da Presidência do CNJ Antonio Carlos Alves Braga Júnior e Marcelo Berthe, pelo desembargador auxiliar da Corregedoria Nacional de Justiça Sílvio Marques, pela desembargadora federal do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região (TRT 5) Dalila Nascimento Andrade, pelo juiz do Tribunal de Justiça do Paraná (TJPR) Roberto Portugal Bacellar, e pela juíza aposentada Vera Regina Müller, representante da Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul (Ajuris).

O primeiro passo do Conselho foi promover uma consulta pública, em dezembro do ano passado, para recebimento de sugestões voltadas à prevenção de riscos,

Meu plano de saúde
não cobre o médico
e o hospital que eu
prefiro pra me tratar.
E agora?

Não se preocupe. Com a parceria da sua entidade de classe com a Qualicorp, os planos de saúde que oferecem os melhores médicos, hospitais e laboratórios do Brasil já estão ao seu alcance.¹

SulAmérica
associada ao **ING**

Unimed 
Paulistana

OMINT

Planos até
50%
mais barato.²

Ligue e confira:

0800-777-4004

Ou acesse: www.qualicorp.com.br

 **Qualicorp**
soluções em saúde

A saúde de milhões de
brasileiros passa por aqui.

SulAmérica:

ANS nº 000043

Unimed Paulistana:

ANS nº 301337

Omint:

ANS nº 359661

Planos de saúde coletivos por adesão, conforme as regras da ANS. Informações resumidas. Condições contratuais disponíveis para análise. Janeiro/2012. ¹A disponibilidade dos produtos pode variar de acordo com a região e a entidade de classe. A comercialização dos planos respeita a área de abrangência da respectiva operadora. A cobertura de hospitais e laboratórios, bem como de honorários profissionais, se dá conforme a disponibilidade da rede médica e as condições contratuais de cada operadora e categoria de plano. ²Em comparação a produtos similares no mercado de planos de saúde individuais (tabela de dezembro/2011).

Qualicorp Adm.
de Benefícios:

ANS nº 417173



PISTA EXCLUSIVA EM SÃO PAULO:
maior cidade da América do Sul tenta dar o exemplo

O TRANSPORTE DO FUTURO

Crescem as pressões para que as bicicletas tomem o lugar dos carros nas principais cidades do mundo

por **Walter Feldman**

Ela pode ser considerada antiga e magrela, mas não deixa de ser a melhor companheira do brasileiro na locomoção do dia-a-dia. Além de ser benéfica para a saúde, não fazer barulho e contribuir com o meio ambiente, também ajuda a diminuir o caótico trânsito nas grandes cidades. Com muitas qualidades, fica fácil compreender por que as bicicletas vêm conquistando mais adeptos. O Brasil já possui uma delas para cada três habitantes, sendo que metade é utilizada como meio de transporte.

Dirigir bem um veículo automotor requer prática

e habilitação específica. Já pedalar, mesmo depois de muito tempo sem atividade, traz a sensação de que nunca deixamos de praticar o ciclismo.

Se, quando criança, você não teve a oportunidade de aprender a pedalar, nunca é tarde para começar a mover o veículo do futuro com as próprias pernas.

A bicicleta vive um momento crescente de aprovação e cada vez mais está ganhando espaço no trânsito. A tecnologia no transporte cresce rapidamente nas metrópoles, mas a infraestrutura e a conexão entre os meios não acompanham essa nova cultura mundial.

Os motoristas são prisioneiros do enorme trânsito, demonstram estresse e impaciência com os ciclistas. Deve haver um respeito mútuo entre todos os que circulam pelas cidades. Os gestores devem olhar para a bicicleta como o veículo do futuro, e abrir um vasto espaço para os ciclistas, através da criação de bicicletários e da interligação de ciclovias. Não vamos desistir após a primeira queda. Como diz o Mahatma Gandhi, “devemos ser a mudança que queremos ver no mundo”.

No mês de maio, a Prefeitura de São Paulo começou a multar os motoristas que ameaçam a segurança de ciclistas no trânsito. A penalização é por infração leve ou média, equivalente a 3 ou 4 pontos na carteira, respectivamente. Serve para chamar a atenção sobre a questão, mas, paralelamente, deve haver um trabalho de conscientização, tanto para os motoristas quanto os ciclistas. Assim, a iniciativa é em prol de uma melhor harmonia no trânsito.

O cidadão que deixa o automóvel para se locomover de bicicleta na cidade de São Paulo durante o período de 30 a 40 minutos ganha cerca de uma hora e meia por dia, além dos benefícios para a saúde. O mapeamento das ciclorrotas foi um grande passo para a ampliação do sistema. São 52 quilômetros de ciclovias para 11 milhões de habitantes. Investir nas bicicletas é fundamental para o futuro da fluidez do trânsito nas metrópoles. Na capital paulista, são 45 quilômetros de ciclofaixas que fazem a interligação de quatro parques, sempre aos domingos. Um plano fundamental que vai fazer com que mais pessoas passem a pedalar é a implantação de uma escola de formação de ciclistas

PAZ NO TRÂNSITO:
*saúde e tranquilidade
nas ruas das metrópoles*





Fotos: Daniel Guth

urbanos, onde aulas práticas e simulações serão realizadas.

Os grupos de ciclistas crescem a cada pedalada, e os encontros promovidos a duas rodas melhoram o relacionamento entre as pessoas. A implantação das ciclofaixas de lazer atraiu os passeios em família e também ajudou a diminuir as estatísticas de morte de ciclistas na cidade.

O relatório municipal de acidentes de trânsito revelou que em 2005 foram 95 mortos. Já em 2010,

pre tem a preferência no trânsito.

Após três mortes de ciclistas em março, com enorme repercussão em grandes cidades brasileiras, os cicloativistas espalharam manifestações por todo o País. Não é apenas um grupo de pessoas, trata-se de um terço da população brasileira que quer espaço nas ruas e avenidas das cidades.

Pela lei, a bicicleta é um meio de transporte, e o ciclista deve andar pela rua na mesma direção em que os carros. O Código Nacional de Trâ-



SOLIDARIEDADE:
*carona em bicicleta,
prática ainda mais
saúdável*

o número caiu para 49 vítimas fatais. Segundo a CET – Companhia de Engenharia de Tráfego –, um ciclista morre por semana na capital paulista. É inadmissível um cidadão que dirige um veículo automotor perder o respeito com o ciclista e usar a potência do veículo para intimidá-lo, causar acidente e até a morte. O Conselho Nacional de Trânsito determina que o condutor de um veículo não-motorizado sem-

sito exige que condutores mantenham distância lateral mínima de 1,5 metro ao ultrapassar uma bicicleta. A falta de segurança inibe os ciclistas simplesmente porque a bicicleta não tem seu espaço reconhecido.

Pensar que São Paulo poderá ter mais bicicletas que veículos é apenas um sonho, mas poderá ser realidade se pensarmos na grande valorização da bicicleta como meio de transporte e lazer pelos gestores,



pelos empresários e pela população.

Se uma empresa de 50 funcionários disponibilizasse uma bicicleta para cada um, ao custo de 200 reais, investiria inicialmente 10 mil reais. Já pagando o vale-transporte aos mesmos funcionários, o gasto anual é de R\$ 64,8 mil – ou seja, com a inclusão das bicicletas, a economia chega a ser de R\$ 54,8 mil anuais. Isso se a bicicleta durar apenas um ano.

Acompanhando os preparativos dos Jogos Olímpicos de Londres, pude presenciar que a bicicleta é a paixão dos ingleses, devido às es-

truturas que a cidade oferece. Tanto que a pedra preciosa das construções para as Olimpíadas é o velódromo. Com custo de 250 milhões de reais, é a estrutura mais sustentável dos jogos, pois o sistema de ventilação é tão eficiente que não precisa de ar-condicionado. O ciclismo é o esporte mais praticado em Londres, e está cotado como o que mais trará resultados positivos aos londrinos no quadro de medalhas.

Trabalhando com as normas de certificado de sustentabilidade internacional, certamente os estádios

que abrigarão a Copa de 2014 terão espaço destinado para as bicicletas. A Copa realizada no Brasil deve ser a primeira projetada com total sustentabilidade.

Como já dito, a infraestrutura nas cidades brasileiras não acompanha a evolução da tecnologia nos transportes. Há modelos de bicicleta que chegam a custar o valor de um carro popular, e muitos ciclistas estão na fila para adquiri-las – o mercado é promissor. Os modelos são inteligentes, pois se adaptam ao terreno. Só faltam, literalmente, o chão e a es-

DEVAGAR E SEMPRE:
*sobre duas rodas, uma
outra visão do planeta*



trutura para que eles possam circular.

Apesar de estar na primeira marcha, porém em elevação, o Brasil já possui 65 milhões de bicicletas. Somos o quinto maior mercado consumidor do mundo, representamos 7% nas pedaladas. Estamos atrás da China, com 39%, EUA com 27%, Índia e Japão, com 14% cada. Em relação à produção, representamos 5%, ficando atrás da China, com 85% e da Índia, com 10%.

Já as importações brasileiras cresceram 40% ao ano nos últimos anos. A indústria nacional tenta se fortale-

cer na mesma proporção. Em 2011, as fábricas brasileiras produziram 4,6 milhões de bicicletas. A CALOI é a maior fabricante do Brasil e está entre as dez maiores no mundo. A empresa conseguiu o feito de vender um milhão de unidades no ano. E aumentar seu faturamento em 30%.

Em todo o mundo, a bicicleta é o instrumento que deve ser trabalhado para desafogar o trânsito e diminuir a poluição. Na China, a Associação Nacional divulgou que há mais de 150 milhões de ciclistas atualmente. Com iniciativas de distribuição

de bicicletários por todo o país e informatização dos ciclistas, o governo chinês espera que as bicicletas representem 25% do trânsito.

Em relação à extensão quilométrica de ciclovias, há grandes centros urbanos que estão entre os melhores lugares do mundo para pedalar: Munique (1.400 km), Nova Iorque (480 km), Paris (400 km), Amsterdã (400 km) e Bogotá (350 km).

A bicicleta é o símbolo do desenvolvimento sustentável e cada vez mais moderno. O grande desafio para os governantes é estimular esse

meio de transporte. Tudo deve ser planejado e perfeito como o circular da corrente da bicicleta.

Trazer da Europa o World Bike Tour para São Paulo foi uma iniciativa que já virou tradição, pois o evento faz parte do calendário oficial da cidade. Em apenas uma edição, são 8 mil pessoas pedalando pelas ruas paulistanas, e cada vez desperta um interesse maior das pessoas.

Cidades litorâneas como o Rio de Janeiro, Salvador e Santos são favoráveis para a adaptação a um projeto de malha ciclística. Em 60 pontos de compartilhamento de bicicletas na cidade carioca, foram 60 mil viagens nos quatro primeiros

meses de uma iniciativa do tipo.

Do ponto de vista médico, posso dizer que pedalar é muito mais que econômico e sustentável, pois ajuda a manter a forma física, faz muito bem ao coração e ao sistema respiratório, favorece a circulação do sangue, melhora a musculatura, contribui com o bom humor e rejuvenesce. O segredo da vida longa é pedalar e, também, usufruir de uma alimentação balanceada.

O governo brasileiro precisa investir parte da verba destinada ao transporte na criação de um sistema de bicicletas em todos os municípios. Com esse investimento, beneficiará automaticamente o transporte, a

saúde e o meio ambiente. Melhorando a qualidade de vida de todos os brasileiros.

Seja para um melhor desenvolvimento na mobilidade dos centros urbanos, para transformar a vida das pessoas, para melhorar a saúde ou, simplesmente, para mudar o hábito, a bicicleta tem o grande poder de transformação. Cuidado! Porque ela também é um vício, porém saudável. ■

Walter Feldman é médico, deputado federal, ex-secretário de Esportes, de Grandes Eventos, de Subprefeituras de São Paulo e ativista do ciclismo

A "MAGRELA": presente em todos os níveis sociais



PHANTOM 600. UMA OBRA-PRIMA.



SCHAEFER
High Class Yachts

BLUEBOATS
REVENDEDOR EXCLUSIVO PHANTOM NA BAHIA

EM BUSCA DA FELICIDADE

Juiz e promotor integram movimento que promove a adoção de ciclofaixas no País; Porto Alegre sedia Fórum Mundial de Bicicletas

por Flávio Novaes

O atropelamento coletivo aconteceu em fevereiro de 2011 e virou um marco. Quando o funcionário público Ricardo Neis acelerou, sem tomar conhecimento dos ciclistas, na esquina das ruas José do Patrocínio e Luiz Afonso, em Porto Alegre, parece que o mundo acordou: que guerra – desigual – é essa?

Um ano depois, era aberto o Fórum Mundial de Bicicletas, na capital gaúcha. Na Usina do Gasômetro, centro cultural da cidade, especialistas debateram temas como Bicicleta não é brinquedo! – introdução ao ciclismo veicular tropical; Conflitos no trânsito: em busca de uma comunicação não-violenta; Bicicletas em pauta – mobilidade e cicloativismo nos grandes meios de comunicação; e Cicloturismo sem Google Maps.

Daniel Luersen, 36 anos, também estava lá. Juiz federal da 4ª Região – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná – , apresentou o painel O magistrado e a bicicleta. “É uma questão de melhoria de vida. A bicicleta é um instrumento para a busca da felicidade agora”, diz ele,

Wanderlei Oliveira



LUERSEN:
“É uma questão de sustentabilidade”

citando o psicólogo Richard Carlson, considerado um dos melhores especialistas em felicidade e redução de estresse do mundo.

Ciclista há 20 anos, Luersen sempre participou de provas de ciclismo competitivo. Nas duas décadas, estudou muito e foi oficial de Justiça antes de chegar à magistratura. “Sempre me inteirei sobre as questões de ciclismo. E hoje é uma questão de sustentabilidade, considero um processo irreversível”, afirma.

O juiz integra o Massa Crítica,

movimento que discute e incentiva o uso da bicicleta. Os encontros acontecem quando os ciclistas se reúnem para ocupar os espaços nas ruas. Mais de 300 cidades no mundo já aderiram à iniciativa.

O magistrado lembra que a luta por um trânsito mais humano passa, também, pela redução da emissão de gases poluentes. “Não há alternativa para o momento. Se tivessem que usar patinetes, seriam patinetes. Mas o mais adequado, para o momento, é a bicicleta”.

Luersen já se acidentou quando esteve sobre duas rodas. Nada grave e que o impedisse de continuar com a bandeira das ciclofaixas. E sem falar nos benefícios indiretos. “Os exercícios físicos vão diminuir as filas do SUS”, acrescenta. “Todos nós só temos o que ganhar”.

PROMOTORIA A vida é realmente difícil para quem atua – ou atuou – contra o crime organizado. Por isso, o promotor de Justiça José Augusto Peres Filho, do Rio Grande do Norte, evita percorrer, de bicicleta, os 14 quilômetros que separam a sua casa da Promotoria, em Natal.

Mas não deixa o ciclismo. Pedalar é a atividade física que move o representante do Ministério Público. Os passeios pelo litoral do Estado, da capital às praias de Pipa e Touros, fazem parte da rotina. Eventualmente, vão um pouco mais longe, quando ele deixa Natal de ônibus e segue para João Pessoa, na vizinha Paraíba. E, de lá, vem de bicicleta, percorrendo 180 km. “De Natal para João Pessoa não dá, tem muito vento contrário”, explica. “Mas a volta é ótima, pela areia da praia ou por trilhas próximas”, conta.

Mas, o desejo mesmo é ver a cidade onde mora com acessos apropriados às bicicletas no trânsito. Algo que parece distante. “Aqui é muito carente, temos pouquíssimos quilômetros de ciclofaixas”, afirma. Hoje, promotor de Justiça de Defesa do Direito do Consumidor, alerta para a confusão entre ciclistas e pedestres na ciclovia da praia de Ponta Negra e de buracos em outros trechos da cidade. “Andar de bicicleta dá uma nova perspectiva da cidade, vemos detalhes impossíveis de serem notados se estivéssemos de carro”, conclui. ■

PERES FILHO:
*de João Pessoa a
Natal, pela praia*



posses oimbur

iStockphoto



MUNDO MINERAL

Do tijolo à tela do smatphone, esses componentes da natureza estão por toda a parte; e fazem fortunas por Victor Uchôa

Sabe o piso de sua casa? E o vidro da janela? O azulejo do banheiro? Tudo isso é composto por algum tipo de mineral. Aliás, até a lâmpada que possivelmente esteja auxiliando a leitura deste texto teve sua origem num minério.

Olhe para o lado e tenha certeza: boa parte dos objetos que estiverem – ou não – ao seu alcance só existem porque neles há um mineral. Onipresente, qualquer um desses componentes da natureza é essencial para o nosso dia-a-dia.

Não foi à toa que, na base da exploração mineral, o brasileiro Eike Batista construiu sua fortuna de aproximadamente US\$ 30 bilhões e alcançou o posto de sétimo homem mais rico do mundo. Na América do Sul, ninguém é páreo para ele numa disputa entre contas bancárias. Você pode até não ir com a cara de Eike, mas precisa do que suas empresas produzem – e ele vai ficando cada vez mais rico.

“Os minerais têm uma importância imensa nas nossas vidas. Quase tudo o que tem por aí vem da mineração. Não tem pra onde correr”. A afirmação é do geólogo David Siqueira Fonseca, chefe da Divisão de Geologia e Distrito Mineral do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

O órgão federal é responsável por fazer valer a lei da atividade no País, pois tudo o que está no subsolo é considerado um bem da União. Então, mesmo que você ache, por acaso, um depósito de ouro escondido no terreno de sua casa, deve ter autorização do DNPM para explorar a área e tentar ficar um pouco mais perto de Eike.

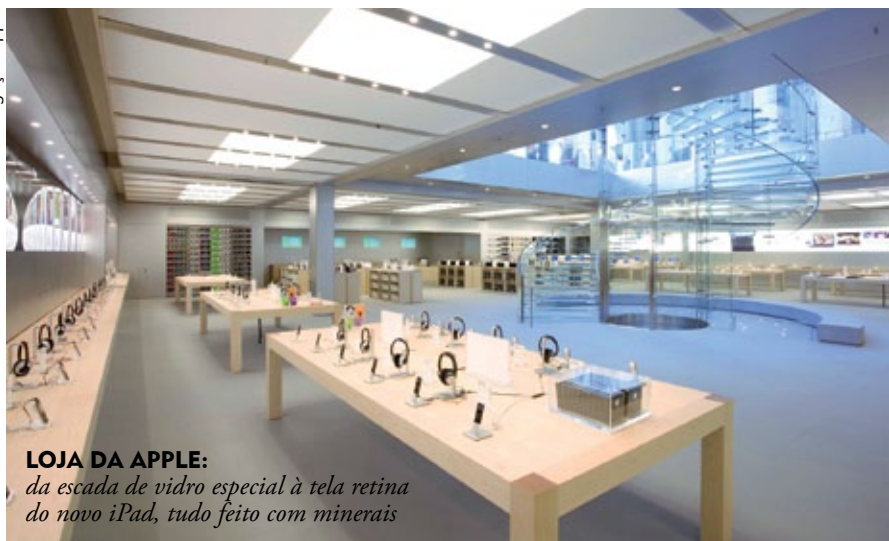
De acordo com dados do Institu-

to Brasileiro de Mineração (Ibram), entidade que agrupa as empresas nacionais do setor, em 2011 a Produção Mineral Brasileira (PMB) atingiu o valor aproximado de US\$ 50 bilhões, um crescimento de 28% na comparação a 2010. Para este ano, a previsão é de um crescimento próximo aos 6%.

“Existem alguns minerais estratégicos para a nossa economia dos quais temos dependência externa. Por outro lado, somos grandes exportadores e, por isso, a balança

TERRAS RARAS Entretanto, mesmo estando bem posicionado no mapa da produção mineral, o Brasil ainda precisa de alguns anos para alcançar as “terras raras”. Não, não se trata de uma região do território nacional perdida num rincão desconhecido. Terras Raras é o grupo de 17 elementos minerais que são os *hits* do momento na indústria mundial, utilizados na produção de equipamentos de alta tecnologia. “*Smartphones, tablets, telas LCD*, tudo isso leva elemento deste grupo.

Divulgação Apple



LOJA DA APPLE:

da escada de vidro especial à tela retina do novo iPad, tudo feito com minerais

do setor é sempre positiva”, explica Marcelo Tunes, diretor de Assuntos Minerários do Ibram.

Atualmente, o Brasil é um dos principais exportadores de minério de Ferro e de Nióbio, um tipo de metal usado na composição de aços especiais, como os utilizados nas indústrias de aviação e petrolífera. Dentre os minerais estratégicos que o Brasil precisa importar, está o Potássio, utilizado na fabricação dos fertilizantes necessários na produção agrícola.

São os minerais da moda”, explica David Fonseca.

Ele conta que, nos últimos anos, começou uma corrida no Brasil para pesquisas na área. E, na sua visão, o resultado disso será notado em cerca de quatro anos, quando devem começar as extrações. Os números do DNPM mostram que, em 2011, foram feitos 106 pedidos de pesquisa de Terras Raras e que, nos primeiros três meses de 2012, o órgão já recebeu 11 pedidos.

EXTRAÇÃO DE MINÉRIO:

China responde por 95% da produção de Terras Raras



iStockphoto

NÃO-RENOVÁVEIS Entre pesquisas nos terrenos, estudos de viabilidade econômica, licenciamento ambiental e a extração propriamente dita, um projeto de mineração não leva menos que sete anos. Demora, mas nunca para, e o aumento da população global – junto com a busca por bens de consumo – faz crer que a atividade de mineração só tende a crescer. Vale então perguntar: os minerais vão acabar?

Para o professor Aroldo Misi, coordenador do Centro de Pesquisa em Geofísica e Geologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), afirmar que os minerais são recursos não-renováveis é um erro. “É claro que a quantidade diminui e aumentam as dificuldades, mas não chegaremos à ausência de minerais”, argumenta ele, que já presidiu a Sociedade Brasileira de Geologia (SBGEO).

“Os bens são finitos para o nosso tempo e nossos meios de produção, mas os minerais são renováveis naturalmente, porque os processos geológicos da Terra não param”, emenda.

Na opinião do pesquisador, o que se precisa é investir cada vez mais em tecnologia para que a produção mineral cause o menor impacto possível no meio ambiente. “Não podemos radicalizar e simplesmente parar a exploração, porque a procura por minerais só cresce. Os impactos ambientais em área de mineração têm diminuído, as áreas de lavra hoje são totalmente reconstruídas. O caminho é esse”, destaca Misi.

Para Marcelo Tunes, a mentalidade das empresas em relação ao cuidado com o ambiente no entorno das minas vem mudando. “Há cerca de 20 anos, realmente não havia grande preocupação, a preservação

A corrida em busca dos elementos da moda tem uma justificativa que vai além do possível lucro em negociações com as indústrias de alta tecnologia. Produzir Terras Raras significa diminuir o poder da China.

O país asiático, atualmente responsável por 95% da produção mundial desses minerais, começou a estabelecer restrições à exportação das matérias-primas para forçar que as indústrias de tecnologia migrassem para lá.

Os Estados Unidos, que, até a década de 1990, eram autossuficientes na produção de Terras Raras e seu exportador número um, não investiram na produção. Atualmente, têm que importar os minerais. Em março deste ano, junto com a União Europeia e o Japão, os americanos le-

varam o caso à Organização Mundial do Comércio (OMC), denunciando a China pela restrição das exportações – briga de cachorro grande com vencedor ainda desconhecido.

Apesar do nome, os Terras Raras são comuns na natureza, mas é preciso investimento em tecnologia para serem extraídos e processados. Até porque, neste caminho, terminam sobrando elementos radioativos – que, sabemos todos, não podem simplesmente ser jogados por aí.

“O processo de extração deste tipo de mineral é difícil. Aqui no Brasil extraíamos Terras Raras, principalmente no Espírito Santo, mas ficamos pra trás. Existem áreas sendo pesquisadas, só que ainda não temos a tecnologia necessária para uma boa produção”, afirma Marcelo Tunes.

era vista como um ônus. Hoje é um bônus. As certificações ambientais dão vantagens no mercado”, lembra.

Enquanto o homem segue consumindo e a Terra trabalha para fornecer matéria-prima, já tem gente de olho nos minerais fora do planeta. Isso mesmo. Um grupo de megapresários – entre eles, o cineasta James Cameron e um dos fundadores do Google, Larry Page – já planeja abrir lavras nos asteroides que passam relativamente próximos à Terra.

Se a ideia vingar, o objetivo é extrair principalmente combustíveis, Ouro e Platina, e fazer a “importação espacial”. Achou estranho? Não seja tão cético. Se o planeta não der conta, um dia você pode precisar de um mineral de outro mundo. ■

Arison Marinho

MISI: há renovação naturalmente, porque os processos geológicos da Terra não param



HÁ MAIS DE **25** ANOS
DEFENDENDO QUEM
SEMPRE DEFENDE O
CIDADÃO BAIANO.





20 ANOS. UMA HISTÓRIA, CENTENAS DE REALIZAÇÕES.

A história da Paraguaçu Engenharia começou na década de 90 com um grande projeto: erguer uma empresa forte. Conseguiu! Através de um modelo exclusivo de gestão e de grandes parceiros, a Paraguaçu se tornou referência no mercado de construção civil e de obras públicas.

Tudo isso, não somente pela qualidade dos seus serviços, mas por esse empenho em concretizar sonhos.



HÁ 20 ANOS CONSTRUINDO COM CREDIBILIDADE

Av. Juracy Magalhães Júnior, 500 - Edf. JC Profissional - 4º andar
Rio Vermelho, Salvador - BA 41.940-060 Tel.: 71 3205 2300 | Fax: 71 3205 2304
paraguacu@atarde.com.br | www.paraguacuengenharia.com.br

HISTÓRIA | SAVEIROS

VELAS DE IÇAR:
*atrações no mar
de Salvador*

ALMAS DA BAÍA

Voluntários se mobilizam para salvar embarcações
de mais de 400 anos no Recôncavo baiano

por Alexandre Lyrio

Ainda hoje, entidades de mais de 400 anos insistem em continuar singrando os mares da Bahia. Parecem não se mover apenas pela força dos ventos. Os próprios navegadores as tratam como seres animados, vivos, cheios de alma. “O saveiro não gostou dessa vela, não. O saveiro não gostou disso, não gostou daquilo”, costumam dizer.

Mas as águas calmas da Baía de Todos-os-Santos, em Salvador e em toda a região do Recôncavo, quase perdem as tradicionais velas brancas, que, desde os primeiros anos do século XVII, dançam ao sabor do seu movimento sereno.

Não faz muito tempo, os saveiros vela de içar passaram a navegar vazios e chegaram bem perto da morte (*ver box na página 88*). Genuinamente baianos, pelo menos na forma que tomaram para adaptar-se à navegação local, foram do auge à decadência em poucas décadas. Dos mais de 1,5 mil barcos existentes no século passado, restam 18.

A extinção só não aconteceu graças ao amor quase transcendental de um grupo de apaixonados pelo mar. A Associação Viva Saveiro, criada por oito amigos, em 2008, conseguiu manter os barcos em plena atividade. Passaram a adotar as velhas embarcações e, com dinheiro próprio, a comprar os saveiros para devolvê-los novos em folha aos mestres, após minucioso trabalho de engenharia naval e de carpintaria.

É o patrimônio redivivo voltando para de onde nunca deveria ter saído. “Uma parte importante da nossa história estava morrendo em silêncio nos manguezais da Baía de Todos-os-Santos”, diz o empresário Roberto Bezerra, o Malaca, um dos

abnegados e vice-presidente da Viva Saveiro. Todos os anos, a associação também realiza a Semana do Saveiro, com exposições de fotografias e obras de arte. E há um projeto de construção do museu.

O artista plástico Bel Borba, conhecido por imprimir mosaicos de azulejos e dezenas de esculturas por toda a Salvador, também tira dinheiro do próprio bolso para restaurar a vida dos ‘saveirões’. Paga para deixar em boas condições lemes, mastros, velas e cascos. “Depois que passei a entender por que os mestres tratam os barcos como seres vivos, divulgo da maneira que posso”, afirma ele, autor de uma exposição sobre o tema. O dinheiro arrecadado com a venda das obras foi revertido para a associação. “Quando você vê o saveiro todo quebrado ou queimado, parece a carcaça de um



O 15 DE AGOSTO, ANTES DA RESTAURAÇÃO:

Associação Viva Saveiro em uma de suas primeiras ações

REGATAS:

eventos promovidos para garantir a sobrevivência dos saveiros na baía





animal. Fico muito comovido”, diz.

Assim, com a ajuda de abnegados, a Viva Saveiro já restaurou cinco barcos. O primeiro a ressuscitar foi o Sombra da Lua, do mestre Bartô. É de Maragojipe, cidadezinha do Recôncavo, às margens do rio Paraguauçu, que fica a aproximadamente sete horas de saveiro da capital. O barco, com quase 90 anos de mar, é o único a ainda desembarcar mercadorias na rampa do Mercado Modelo, cartão-postal de Salvador.

E o vento continuou favorável: após a iniciativa da Viva Saveiro, o Sombra foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2010. Com o tombamento, o saveiro não poderá mais ser descaracterizado, terá de ser conservado e restaurado apenas com peças originais.

“Aí as pessoas perceberam que não somos um bando de malucos apaixonados por barcos velhos”, diz o presidente da associação, o engenheiro Pedro Bocca, que saiu do interior de São Paulo para trabalhar na Bahia há 35 anos e nunca mais voltou.

As dificuldades para preservar a história só não são maiores que a força da tradição. Primeiro, o bolso: os custos podem chegar a R\$50 mil. Depois, a mão-de-obra: inevitavelmente se recorre a mestres carpinteiros com métodos quase ancestrais para fazer uma reforma e deixar o equipamento com as mesmas características daqueles de quatro séculos atrás. Além do mais, como já se disse, o saveiro é cheio de vontades. Uma vela, por exemplo, só pode ser vestida em determinada embarcação. A restauração completa leva até seis meses.

Dos mais de 1,5 mil barcos existentes no século passado, restam 18

“Como o modo de fazer um saveiro não está escrito em lugar nenhum, tirar isso da cabeça dos mestres e botar no papel torna-se o grande desafio. Nosso objetivo não é só resgatar o saveiro, mas também o conhecimento de fazer e manter o barco”, explica Bocca.

A técnica não está escrita, mas, esculpida. Mestres carpinteiros costumam se basear em uma lasca de madeira chamada graminho, onde estão as proporções para a construção

Nilton Souza



BOCCA:
*engenheiro apaixonado
pelos barcos seculares*



MESTRE DÉGO:
*“Ninguém aprende
com ninguém
a fazer saveiro”*

de barcos de 10, 12 e 14 metros de comprimento.

O problema é que, em uma relação praticamente metafísica, só eles conseguem decifrar o pedaço de tábua, também cheio de vida e ancestralidade. A sabedoria de usar o graminho de saveiro continua um mistério. “Eu pergunto: ‘como você fez isso?’ Eles respondem: ‘não sei, só sei que é assim’”, conta Bocca, reproduzindo o diálogo com os empíricos especialistas.

Um desses mestres é Fidélis da Conceição, de 83 anos, o Dégo. Ele mantém uma relação de amizade – quase fraternal – com os saveiros desde os anos 60, quando abriu um estaleiro em Maragojipe.

“Ninguém aprende com ninguém a fazer saveiro. Comecei com outro mestre, mas ele não me ensinou nada. Aprendi metendo a mão”, garante ele, herói ao sustentar 13 filhos com seu trabalho. Comandou a restauração do Sombra da Lua e se lembra dos áureos tempos. “Naquela época todo mundo dependia do saveiro”, lembra, melancólico.

Conhecer a arte de navegar é outro mistério. Poucos saveiristas sabem manipular as velas rústicas e manter o barco apumado. “É com o tempo. Tem que conversar com o bicho e seguir em frente”, ensina o mestre Antônio Jorge, que assumiu o Sombra devido a um problema de saúde do experiente Bartô.

Pedro Bocca, também conhecedor do mar, admira a destreza dos amigos. “Eu navego há mais de 30 anos. Mas, se eu pegar um saveirão, eu não vou para lugar nenhum”, admite. É realmente difícil. O mastro, feito de sucupiruçu ou conduru, madeiras especiais, retas, fortes, capazes de

BARCOS QUE SUSTENTAM UMA ECONOMIA

Os saveiros ‘carregaram’ em seu casco o possível e imaginável da Baía de Todos-os-Santos a diversas localidades às margens do Rio Paraguaçu. Entre o início do século XVII e meados do século XX, as embarcações foram o principal meio de locomoção no Recôncavo.

Transportavam de tudo: frutas, farinha, fumo e até gado. O desembarque era na rampa do Mercado Modelo e nas feiras do Porto da Barra, de Itapagipe e de Água de Meninos. Na volta, materiais de construção, eletrodomésticos e, principalmente, querosene.

“Tinha um saveiro chamado ‘Quero Shell’. A Shell produzia o combustível na época e, por onde o barco passava, as pessoas gritavam: ‘quero Shell’”, conta Pedro Bocca. Os saveiros integravam a cultura local, utilizados em procissões, festas de santos e até casamentos. A baía vivia apinhada. “O saveiro era um elemento da vida social”, completa.

Com o advento das estradas, a fabricação de carros e, depois, de caminhões, os saveiros se tornaram desnecessários. A decadência se deu entre as décadas de 1940 e 1950. “Quando não tinha estrada, nem carro, não faltava trabalho”, confirma Dégo.

O desaparecimento foi inevitável. Hoje, sobrevivem de fretes de carregamento de areia, pedra e materiais de construção para áreas menos acessíveis. O número de rotas diminuiu bastante. Mas, dois dos barcos sobreviventes, um deles o Sombra da Lua, ainda fazem o tradicional percurso entre Maragojipinho e Salvador, onde descarregam as famosas cerâmicas, também conhecidas como caxixis.

**O 15 DE AGOSTO
RESTAURADO**
*mesmas rotas de
400 anos atrás*



GRAMINHO:
técnica esculpida em madeira

sustentar a vela, são verdadeiras toras de aproximadamente 20 metros. Não envergam e tocam a embarcação adiante.

Os integrantes da associação sabem que a simples boa-vontade de velejadores apaixonados não vai sustentar os antigos barcos para sempre. Por isso, pensam em outras fontes de renda para manter as embarcações. Para Bocca, só o turismo de aventura salva.

“Tem muito turista que não gosta daquele turismo oficial, daquele passeio de escuna corrido. Os que preferem aventura certamente iriam se interessar em refazer os passeios como há 400 anos, em um barco original”, acredita. Assim, quem sabe, o saveiro continue a ser uma entidade viva, alimentada por sua alma, sem o risco de se tornar o espírito de uma tradição morta. ■



Associação do Juizes Federais de São Paulo e Mato Grosso do Sul

**Em defesa da democracia,
da cidadania e do Estado de Direito!**



Projeto João-De-Barro



6º Congresso dos Juizes Federais de SP/MS



Natal Solidário 2010

REGISTRO RARO NA RAMPA

A imagem rara foi registrada, provavelmente, entre as décadas de 40 e 50 do século passado. Mostra a rampa do Mercado Modelo repleta de saveiros, trabalhadores com chapéus e uma enorme quantidade de produtos que chegavam das localidades do Recôncavo para a capital Salvador.

A foto é do francês Pierre Verger – morto em 1996 – e, se hoje está disponível, historiadores e amantes da fotografia agradecem ao trabalho da fundação que leva o nome do viajante europeu. Vale a pena visitar: www.pierreverger.org

“A criação da Fundação Pierre Verger foi a consequência de dois de meus amores: o que sinto pela Bahia e aquele que tenho pela região da África situada no Golfo de Benin”, escreveu o próprio Verger no primeiro boletim informativo da fundação.

Pierre Verger doou à fundação por ele criada todo o seu acervo, resultado de décadas em viagens pelo mundo. Livros, filmes em película, gravações sonoras e mais de 62 mil negativos fotográficos. Dentre eles, a reunião dos saveiros. Sim, Pierre Verger é um saveirista e se integra à luta pela preservação das embarcações.





FORMA ORIGINAL VEIO DA ÍNDIA

Apesar da adaptação estrutural que sofreu na Bahia, o saveiro teve origem na Índia, mais ou menos em 1480. De lá, Portugal importou os protótipos e os grandes carpinteiros navais.

Os portugueses já haviam criado naus e caravelas, mas o barco indiano servia direitinho para a pesca do savel, o peixe que lhe emprestou o nome de saveleiro e, depois, de saveiro. Por volta de 1600, chegou à Bahia e recebeu adaptações para navegar melhor nas condições de mar, vento e profundidade da Baía de Todos-os-Santos.

BARCO IDEAL

– Barco estável devido à sua largura, entre 4 metros e 4,5 metros;

- Casco chato, com 1,5m de altura;
- Calado pequeno. Abaixo da linha d'água atinge cerca de 80 cm, o que garante navegabilidade em água rasas;
- Da proa à popa, um saveiro chega a medir entre 13 e 14 metros;
- A capacidade de carga é grande: até 15 toneladas;
- As velas, principal e secundária, compreendem uma área de 100m². Velocidade pode chegar a 9 nós, ou 20 km/h.

ROTEIROS ATUAIS

- Rota de Pedra e Areia: Maragojipe, Cachoeira e São Félix, Bom Jesus, Ilha dos Frades, Itaparica, Salvador.
- Rota da Cerâmica: Maragojipinho, Jaguaripe, Itaparica e Salvador.

CULTURA NA CORTE

Associação dos Magistrados do Rio de Janeiro incentiva a prática de ações voltadas para a música, literatura e teatro

por João Avelino

Música de nível internacional, lançamento de livros de qualidade e até inusitada montagem de peça teatral. A Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro, a Amaerj, não vive apenas para lutar por melhores condições de trabalho para os juízes de primeiro e segundo grau.

O incentivo ao esporte e, principalmente, à cultura são marcas registradas da entidade, criada em 1992 após a fusão da Associação dos Magistrados Fluminenses (AMF), de 1954, com a Associação dos Magistrados do Distrito Federal (AMADF), criada em 1958 quando o Rio era capital federal. Depois, com a fundação de Brasília, a AMADF passou a se chamar Associação dos Magistrados do Estado da Guanabara (AMAEG).

Dentre as instituições que reúnem magistrados no País, a Amaerj é uma das poucas que mantêm, na seção “Notícias” de seu sítio eletrônico, um link exclusivo para ações na área de cultura. E que não se resume às iniciativas dos associados. Lá estão dicas sobre exposições, literatura e música.

Muitas ações são realizadas em parceria com o Centro Cultural do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro, o CCPJ-Rio, vinculado ao Tribunal de Justiça do Estado. Uma delas é a produção do espetáculo *Antígona*, do dramaturgo grego Sófocles, que conta com a participação de 13 magistrados entre juízes de primeiro grau e desembargadores – aposentados e da ativa.

A associação, por meio da sua página eletrônica na internet, também divulga iniciativas como a do

**DELL'ORTO,
DA AMAERJ:**
incentivo às artes





ANTÍGONA:
*peça encenada
por magistrados*

desembargador Wagner Cinelli, que, em março, lançou, em coquetel exclusivo para os colegas, o DVD Caminhos, gravado em um show no Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal. O disco traz músicas instrumentais de Cinelli e canções de grandes nomes da MPB, como Noel Rosa, Pixinguinha, Tom Jobim, João Donato e Tom Zé.

À frente da instituição para o biênio 2012/2013 está o desembargador Cláudio Luis Braga dell'Orto. A posse na presidência da Amaerj foi realizada no início de fevereiro deste ano. Antes de entrar para a magistratura, ele foi advogado do BNDES e promotor de Justiça do

Rio de Janeiro. Promovido por antiguidade a desembargador em 2009, tem experiência à frente de associações.

Entre 2006 e 2007, Cláudio dell'Orto presidiu pela primeira vez a Amaerj, ainda como juiz. Atualmente, além de presidente da Associação, é diretor da Secretaria de Defesa de Direitos e Prerrogativas da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB).

De acordo com o estatuto da associação, uma das finalidades da Amaerj é "realizar atividades culturais, recreativas e desportivas."

E há um bom número de juizes do Rio de Janeiro interessados em desenvolver atividades culturais e esportivas.

As atividades paralelas são essenciais para um melhor exercício da magistratura?

Sem dúvida. As atividades de cultura geral permitem o pleno desenvolvimento da pessoa, garantindo-lhe a experiência humanista essencial para o bom exercício da função de julgar. Os dramas, dilemas e conflitos retratados na literatura são fonte de reflexão pessoal. As atividades esportivas são importantes para a disciplina e trabalho de equipe, por exemplo. Portanto, todas essas

atividades enriquecem a pessoa encarregada de distribuir justiça.

De que forma a Amaerj incentiva a participação dos associados nestas atividades?

Realizando encontros e campeonatos. Apoiando a publicação de livros e gravação de DVDs ou CDs.

A Amaerj apoia a peça teatral Antígona, promovida pelo Centro de Cultura do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro. Como estão as negociações para que a montagem participe do próximo Congresso Brasileiro de Magistrados, no Pará?

Estamos negociando com a diretoria

da AMB. Existe interesse recíproco para que Antígona seja apresentada para a magistratura nacional.

O que representa dirigir uma instituição tão antiga e importante para a magistratura fluminense e do País?

É uma honra representar os colegas do Estado do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade tentar realizar todos os projetos de interesse dessa magistratura tão ativa.

Neste novo mandato, iniciado há três meses, quais são os planos para a magistratura fluminense?

Nossa principal meta é a participação política e orçamentária de toda a magistratura na condução do Judiciário do Rio de Janeiro. Isso significa lutar pelo voto direto e universal para a mesa diretora do Tribunal. Entendemos que o Tribunal Pleno pode reconhecer que todos os juízes vitalícios também podem participar politicamente do Tribunal elegendo seus dirigentes. Além disso, é fundamental que na discussão da proposta orçamentária do Tribunal seja admitida a participação de todos os membros do Poder Judiciário. O orçamento participativo é a melhor maneira de solucionar problemas, principalmente, no primeiro grau de jurisdição. ■

**CUIDAR.
ZELAR.
PROTEGER.**

O que o
Ministério Público
faz pelos baianos,
a AMPEB faz pelos
membros do Ministério Público.



ASSOCIAÇÃO DO
MINISTÉRIO PÚBLICO
DO ESTADO DA BAHIA

MEMÓRIA EM FASCÍCULOS

Fotos: Divulgação USP



BUSTO NO AUDITÓRIO:
pioneirismo e tradição



A HISTÓRIA DO ENSINO JURÍDICO NO BRASIL

PARTE I – Faculdade de Direito da USP

MEMÓRIA EM FASCÍCULOS

Como prometido, começamos, aqui, a expor um pouco da nossa já anunciada proposta: contar a história do Direito brasileiro através das antigas faculdades e seus alunos, no primeiro projeto da **PODERES EM REVISTA** em forma de livro. Por ora, falaremos, justamente, dessas pioneiras escolas. Uma a uma, elas serão trazidas às páginas da revista para que vejamos o quão interessantes são os verdadeiros mundos que nelas emergem, a partir dos muitos talentos irrompidos em suas salas de aula.

A primeira academia jurídica brasileira que temos a honra de apresentar em nossa série é a atual Faculdade de Direito da USP. Ela surge como um dos dois primeiros Cursos Jurídicos criados pela Lei Imperial de 11 de agosto de 1827, ao lado da antiga faculdade de Olinda (depois, Faculdade de Direito do Recife). Por um detalhe cronológico (ela dá início às aulas poucos dias antes da escola pernambucana), é a primeira a figurar como uma das protagonistas daquele histórico momento em que o governo de Dom Pedro I decide estabelecer o ensino jurídico no Brasil.

A criação dos Cursos Jurídicos atenderia às demandas da própria Independência, que, para se consolidar, reclamava todo um aparato institucional. O Direito seria o curso mais relacionado àquelas necessidades, dele é que saíam os políticos e administradores do Brasil independente. Ademais, a formação em Coimbra era naturalmente excludente, sendo possibilitada, apenas, aos abonados. E ainda corriam notícias de estudantes brasileiros a passarem dificuldades e constrangimentos em Portugal.

O antigo Curso Jurídico paulista nasceu no mesmo lugar onde até hoje está situado: o atual Largo de São Francisco. Mas ainda não havia, ali, um largo, e tampouco se contava com o majestoso edifício que serviria de sede à faculdade. Naquele momento, quando eram escassos o tempo e os recursos para se aparelhar uma instituição de ensino com tamanho porte, teve-se de improvisar a sua instalação no prédio de um antigo convento. Defronte ao qual havia um quintal cercado, que correspondia à área do hoje tão conhecido largo. Em 1828, as aulas começaram.

O velho convento seria, pouco tempo depois, parcialmente derrubado em favor da construção do novo edifício. Nos primeiros anos, apresentavam-se dificuldades naturais em um início – sobretudo, numa iniciativa pioneira. Era difícil manter um quadro de professores



ESCADARIA E VITRAIS:
referência no centro paulistano



(chamados de *lentes*, na terminologia coimbrã que então se seguia). Em meio a dias, assim, lacunosos, foi que os alunos, na falta de algumas aulas, criaram o costume de se reunirem perto das *arcadas* do prédio. E não é difícil entender como esse elemento arquitetônico se tornou tão emblemático para a identidade coletiva dos discentes: naquele inspirador espaço, falava-se de política, de ideias, de poesia... Da vida, enfim, que existia para além da aprendizagem jurídica, vida inspiradora de múltiplos interesses, todos eles compartilhados pelas jovens mentes ali reunidas.

Mas, a intensa presença dos alunos do antigo Curso não se confinava no prédio. Ela ultrapassava as suas paredes – e suas arcadas –, repercutindo fortemente na cidade de São Paulo, que não era, à época, sombra da gigante metrópole que se tornaria. Na pequenina e pouco povoada capital paulista, alguns incrementos passaram a surgir, exatamente, em razão dos jovens, cujas variadas necessidades, incluindo-se as pessoais, forçaram a aparição de novos estabelecimentos e serviços.

Se a cidade evoluía, o mesmo acontecia com a Faculdade do Largo de São Francisco. Ao longo do século XIX, ela desenvolve-se institucionalmente, tanto por aprimoramentos internos (especialmente, do corpo docente) quanto pelas medidas legais reformadoras do ensino no Brasil. Começava a ganhar corpo a vida inteligente que estava no embrião daquela antiga entidade, na qual uma longa esteira de brilhantismo se desenrolaria com o passar do tempo. A faculdade paulista, desde sempre, revelava forte pendor para a política. Sua comunidade envolvia-se em todas as questões do País, como o Abolicionismo e o Republicanismo, duas grandes bandeiras daquele século. No Largo de São Francisco, Eptácio Pessoa e Ruy Barbosa*, entre outros, galvanizavam a atenção de todos os que viviam as substanciais mudanças por que o Brasil passava. Mas, não era só a política que revelava os notáveis membros daquela casa: em meio a uma rica produção escrita, que lá se robustecia através de periódicos, brotavam os romancistas e poetas. Um deles era Álvares de Azevedo*, de versos românticos pelos quais se expressavam a beleza e a tristeza residentes na alma daquele excepcional jovem – que não deixava de ser, também, um diligente estudante de Direito.

Além de tudo aquilo que ostensivamente frutificava na prenhe vida interna d'As Arcadas, uma manifestação mais oculta tomava forma: a "Buchá". Sociedade secreta

MEMÓRIA EM FASCÍCULOS



GALERIA:
*congregação exhibe
quadros de ex-diretores*

criada por um brilhante (e um tanto misterioso) imigrante alemão, ela realizava encontros solenes dos quais se têm algumas poucas, porém interessantes, informações. E um aspecto inusitado chama a atenção: talvez nenhuma agremiação estudantil tenha sido tão influente na realidade política do Brasil quanto aquele grupo, que se reunia em incomuns rituais.

O século XX deu seguimento à tradição de ampla produtividade no Largo de São Francisco. Para as artes dramáticas, já praticadas pelos estudantes e com considerável retrospecto de realizações, seguem alunos como Paulo Autran*. O célebre Teatro Oficina, entre cujos mentores estava o explosivo José Celso Martinez Corrêa, é criado dentro da faculdade, dali se irradiando como um dos mais inventivos movimentos teatrais do Brasil. Eram os anos 60, e viviam-se momentos de fervor cultural e repressão política. Os estudantes de Direito da USP, sobretudo através do engajado Centro Acadêmico XI de Agosto, mobilizaram-se vigorosamente, assim como já haviam experimentado fazer na década de 30, contra a ditadura de Vargas. Houve ocupação da faculdade em

1964, e o líder do Centro Acadêmico acompanhou de perto o Presidente deposto durante seus últimos instantes até a queda sob as armas. Os estudantes foram perseguidos, assim como boa parte dos professores, que também não abriam mão de suas convicções democráticas. A luta política não findava ali, e ganharia as ruas em nome da democracia que voltaria a reinar no Brasil.

O Direito, a cultura, a política: por esses e outros caminhos, fez-se grandiosa a entidade nascida como Curso Jurídico, em sua longa e vibrante história até se tornar a Faculdade de Direito da USP. De todos aqueles que personificaram as mais admiráveis qualidades humanas ali cultivadas, dez ex-alunos serão destacados, em nosso livro, como representantes.

Até lá – ou, antes: até o próximo capítulo sinótico, sobre a faculdade de Olinda e Recife. ■

**Esses são alguns dos dez nomes que representarão o Largo de São Francisco em nosso livro.*

Cyro Serpa é bacharel em Direito e pesquisador

Dos cálculos matemáticos à Educação Financeira



As escolas brasileiras já estão aprendendo a lição. Para uma nação evoluir de verdade é preciso mais que ensinar cálculos matemáticos para nossas crianças, mas também ensiná-las **Educação Financeira**. Livros como O Menino, o Dinheiro e a Formigarra, O Menino do Dinheiro - Vai à Escola, dentre outros da coleção DSOP, já fazem parte do ensino básico brasileiro e têm sido adotados em diversas escolas do país. O Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, sancionado pelo Presidente Lula, institui a ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira) nas escolas brasileiras. Vamos continuar fazendo nosso dever de casa, pois o progresso está cada vez mais próximo.

71 3019.5025

Um novo estilo de vida!

dsop
EDUCAÇÃO FINANCEIRA

REVELAÇÕES PERIGOSAS

Romance policial Segredos de Sangue marca a estreia do juiz Aylton Vasconcellos na literatura **por João Avelino**

A história é instigante: Carlos, detetive particular, inicia a investigação, por sua conta e risco, da morte de um religioso. Michel era um frade franciscano, diretor de um orfanato no qual o próprio detetive passou parte da infância. O crime, um mistério.

Lançado há dois meses, o livro Segredos de Sangue, do juiz Aylton Cardoso Vasconcellos, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, tam-

bém reúne temas como corrupção, tráfico e consumo de drogas, e celibato. Na história, que se passa no Estado do Rio de Janeiro e na França, verdades vão surgindo, e as revelações acabam envolvendo o protagonista junto com sua família, dando origem ao nome da obra.

O magistrado, titular da Vara Única de Arraial do Cabo, na Região dos Lagos, é fã da literatura policial. Na galeria dos preferidos,

Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes. Mas Vasconcellos também passeia por outros gêneros e cita, ainda, os escritores Dostoiévski, Miguel de Cervantes e Alexandre Dumas.

“A literatura o leva a conhecer melhor o ser humano. Quando você lê ficção e tem acesso à psicologia dos personagens, você consegue algo muito difícil de obter em um texto técnico ou científico, que é colocar-se no lugar daquela pessoa, acessar os pensamentos e sentimentos dela”, afirmou o juiz em entrevista ao site da Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro (Amaerj).

O juiz respondia a uma citação do ministro do Superior Tribunal de Justiça, Luis Salomão, que considera a literatura uma boa ferramenta para ajudar a julgar melhor. “A leitura vai somar à sua experiência própria a de várias outras pessoas. Você fica muito mais humano, consegue

LITERATURA ALÉM DO DIREITO

Obra mostra superação de procurador da República

A terceira edição, revista e ampliada, do livro *De faxineiro a procurador da República – uma história real de incrível superação*, acaba de chegar ao mercado. A obra traz as principais estratégias de preparação para provas e concursos, além de técnicas para desenvolver a inteligência emocional. Os relatos são do procurador da República, o paraense Manoel Pastana, que compartilha com o leitor métodos de estudo que o levaram à aprovação no concorrido concurso público. Atualmente, Pastana exerce suas funções em Porto Alegre, na Procuradoria Regional da República da 4.ª Região, que reúne os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Livro reúne poesias de magistrado fluminense

Com evento no foyer do TJDFT, o juiz aposentado José Eustáquio Cardoso lançou o livro de poesia *Cantiga Antiga*. É a terceira obra do magistrado, que já publicou o infantil *O rei do quintal*, ganhador de um prêmio, em 1991, e *Pétalas na estrada*, editado em 2006. Em breve, novo trabalho estará nas ruas: *À procura de Hayley Mills*, que dedicará à esposa Magalilh Cardoso. O livro pode ser adquirido pelo site www.nitpress.com.br.



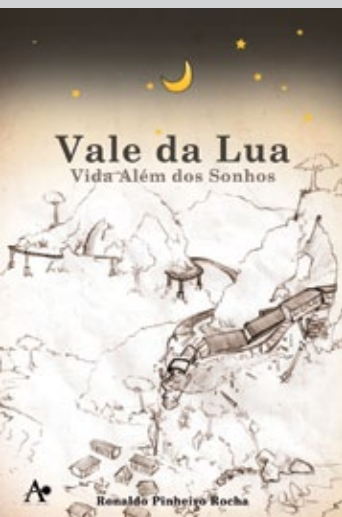


VASCONCELOS:
*leitura como instrumento
para o exercício da magistratura*

entender melhor a motivação dos outros, aquilo que está por trás de suas ações, ficando mais imune ao instinto de rotular os demais indivíduos e suas condutas”, completou Vasconcellos.

Publicado pela editora Multifoco, o livro demorou a ficar pronto. Começou a ser escrito há dez anos, mas sempre era interrompido devido à carreira profissional: o autor foi procurador federal, procurador da Fazenda Nacional até que, em 2005, ingressou na magistratura. Em seguida, novo intervalo da produção para concluir o mestrado em Direito Processual, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Uerj.

“Se eu tivesse concluído o livro lá atrás, não teria tantos elementos, não teria podido incluir tantas experiências. Isso foi bom para o romance, porque a proposta era, mesmo estando dentro do gênero de suspense, seguir um pouco além”, conclui. ■



Ficção e realidade se misturam em trama policial

Investigações policiais, tramas políticas, busca pelo poder, corrupção, traição e morte. Esse é o enredo do livro *Vale da Lua, vida além dos sonhos*, do juiz Ronaldo Pinheiro Rocha, do TJDF. O romance se passa na fictícia Vale da Lua, no Paraná. No livro, o autor lembra um acidente ocorrido em 1940, quando um trem de passageiros despencou-se de uma ponte, pouco antes do Viaduto do Carvalho, na região.

Belezas de Paris no romance de juiz de Santa Catarina

A capital francesa é o cenário para o romance *Encontre-me no café em Paris*, de João Marcos Buch, juiz da Vara de Execuções Penais da Comarca de Joinville. A obra, lançada em abril na Feira do Livro da cidade catarinense, conta a história de Landon, um poeta brasileiro que se apaixona por uma mulher durante uma festa na chamada Cidade Luz. “Ocorre que acaba a perdendo de vista e fica sem nada dela saber, nada mesmo, apenas o primeiro nome. Assim, passa a frequentar o Café todos os dias, na esperança de que algum dia ela volte. Com o passar dos dias, a vida no Café se mistura à vida de Landon, e sua intensa paixão acaba influenciando a todos. Só resta saber se algum dia a misteriosa mulher voltará”, diz o resumo da publicação.

CHECK IN



PATRIMÔNIO PELA UNESCO:
*vale foi a primeira área
demarkada no mundo*

O PARAÍSO PORTUGUÊS

Região do Douro reúne vinho de melhor qualidade, restaurantes especiais e lindas paisagens **por Luana Rocha**



Em Portugal, a região do Douro é considerada o berço da produção do vinho do Porto. Foi esse lugar, onde a mão do homem trabalhou arduamente para arrimar as videiras e erguer uma obra colossal, que o desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte, João Batista Rodrigues Rebouças, escolheu como refúgio durante quatro dias, dos oito em que esteve no país, no final de abril.

“Viajamos com outros amigos e, sem dúvida, foi um dos locais mais bonitos em que já estive. É uma região muito peculiar no mundo”, define Rebouças.

O Douro é a primeira área demarcada do mundo. A iniciativa, no século XVIII, foi do secretário de Estado de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, mais

conhecido como Marquês de Pombal. O objetivo era manter a qualidade dos vinhos, garantindo, se possível para a eternidade, que a marca daquela legítima bebida lusitana fosse referência de qualidade em qualquer lugar do planeta. E o Marquês estava certo.

Situado no Nordeste de Portugal, o Douro se estende pelo vale do rio – que leva o mesmo nome – e seus afluentes, abrangendo os distritos de Vila Real, Bragança, Viseu e Guarda. A paisagem é formada por vales íngremes e cachoeiras estreitas e selvagens. Especial.

“Além disso, é agradável para caminhar. E não há melhor programa do que comer em um restaurante com vista para o rio apreciando um – entre centenas – dos bons vinhos que existem lá”, continua o desembargador,



ENVELHECIMENTO:
*etapa fundamental para
o bom sabor da bebida*



FAMA MUNDIAL:
*qualidade indiscutível
premiada internacionalmente*

vice-diretor da Escola de Magistratura do Rio Grande do Norte, a ESMARN.

O roteiro extenso, porém, não se resume à degustação diária da bebida. Rebouças destaca o passeio de barco no Rio Douro e os caminhos, verdadeiras trilhas, nas videiras. “As plantações parecem labirintos. Elas estão por todos os lados! São como degraus de plantas dentro dos labirintos. É incrível e lindo!”, vibra.

O lugar fica próximo a serras, que protegem as videiras dos ventos do Oceano Atlântico. A influência é do Mediterrâneo.

E não é pouca coisa, não. A região, de tão deslumbrante, ganhou, em 2001, a atenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a UNESCO, que classificou o Alto Douro Vinhateiro como Patrimônio Mundial.

Em 2001, o Alto Douro Vinhateiro foi classificado como Patrimônio Mundial pela UNESCO

HISTÓRIA Aos amantes da bebida, nada melhor do que a diversidade. São oferecidos outros tipos que variam do tradicional *Porto*. A região é dividida em Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior. Cada uma delas tem a sua produção específica, própria. E todas se assemelham em um aspecto: a indiscutível qualidade.

De acordo com historiadores, o vinho integra o dia-a-dia da região há mais de dois mil anos. E o crescimento da sua importância está ligado à política. No século XVII, quando as relações entre a Inglaterra e a França não andavam boas, o país britânico boicotou e impôs taxas punitivas sobre o cultivo francês, concedendo vantagens de negócios aos portugueses.

Há poucos endereços no mundo onde a vinicultura possui um impacto tão profundo na história, cultura e existência dos habitantes como naquela região de Portugal. Ali se registra, também, impacto sobre a paisagem, com as plantações de videiras que remetem a obras arquitetônicas – porém feita com plantas.

A região demarcada estende-se por 250 mil hectares ao longo da bacia hidrográfica do Rio Douro, que

CHECK IN

percorre 927 quilômetros desde a nascente nos Picos de Urbión, na Espanha, até a cidade do Porto.

Batista destaca ainda o caráter artesanal da colheita. “Como as plantações são grandes, é impossível chegar com máquina. Por isso a colheita é feita a mão e, depois, as uvas são pisadas com os pés dos próprios agricultores”.

Como opção, os turistas podem ainda fazer um *workshop* de culinária portuguesa. “A comida de lá é maravilhosa, e a combinação com os melhores vinhos do mundo, perfeita. O perigo é o quanto você engorda depois dessa folia gastronômica e etílica”, brinca.

QUINTA Dentre as vinícolas, o destaque é para a Quinta do Portal. Como uma “casa portuguesa, familiar e independente”, de acordo com o texto do site do estabelecimento (www.quintadoportal.pt), o espaço funciona com o conceito de “Boutique Winery”, (em português, algo como butique de vinhos) dedicando-se aos vinhos DOC Douro, do Porto de categorias especiais e o Moscatel.

Os turistas podem ainda fazer visitas diárias – são oito euros por pessoa – e conhecer um pouco mais da história da região e suas vinícolas, além, claro, de degustar o vinho produzido.

A iniciativa data do início dos anos 90, e teve como base uma propriedade centenária da família, que produzia a bebida do Porto. Logo após, o local passou a se dedicar mais à criação de vinhos do Douro. Todo o investimento deu retorno: a Quinta foi vencedora internacional do *Best of Wine Tourism 2012* na categoria de Arquitetura e Paisagem, com o armazém de estágio e envelhecimento de vinhos.

O *Best of Wine Tourism* é um concurso promovido, desde 2003, pela Câmara Municipal do Porto, no âmbito da sua participação na rede internacional *Great Wine Capitals Global Network* (www.greatwinecapitals.com). Participam da competição os melhores prestadores de serviços de enoturismo de nove capitais vinhateiras espalhadas pelo mundo: Bordeaux, Bilbao-Rioja, Cape Town, Christchurch-South Island, Florença, Mendoza, Mainz -Rheinhessen, Porto e São Francisco-Napa Valley.

Confira no site WWW.PODERESEMREVISTA.COM.BR mais dicas para conhecer a região do Douro.

.....
A seção *Check In* é dedicada ao operador do Direito. A cada edição, um destino é indicado a partir das experiências de uma viagem especial. Mande o seu relato para o e-mail LEITOR@PODERESEMREVISTA.COM.BR. ■

CIDADE DO PORTO E O RIO DOURO:

um dos destinos mais procurados da Europa







IMAGEM E REPUTAÇÃO

MÁRIO ROSA

Jurisprudência Dieckmann/Cabral

Durante muitas e muitas décadas, gerações e gerações compartilharam, ao redor do mundo, um mesmo tipo de passatempo: escrever diários pessoais em que podiam registrar para a posteridade flagrantes de intimidade, reminiscências, reflexões. Naquele mundo analógico que existiu até bem pouco tempo atrás, era possível manter protegidas do mundo as nossas contradições, os nossos dilemas, as nossas questões inconfessáveis. Para isso, bastava depositar o “querido diário” numa caixa, numa gaveta, no fundo do armário – e pronto. Nosso mundo interior estaria a salvo da fornalha que é a curiosidade humana, capaz de incinerar, de maneira fulminante, qualquer deslize alheio.

A lembrança dos “queridos diários” é mais do que oportuna nesses dias em que assistimos a eventos da esfera da intimidade ganharem destaque no noticiário. Especificamente, dois casos recentes despertaram uma enorme repercussão. Embora situados em campos distintos do universo social, ambos os episódios guardam uma perturbante similaridade. Primeiramente, vieram a público imagens de festas animadas em Paris, em que apareceu o governador do Rio, Sergio Cabral. As cenas, registradas em celulares e câmeras por um dos presentes, foram subtraídas do computador de uma das pessoas que participaram dos festejos, e, lançadas na internet, alcançaram enorme visibilidade. Noutro caso, foi a vez da atriz Carolina Dieckmann: imagens de sua intimidade (também de celular e câmera) foram retiradas de seu computador, sem seu conhecimento, e ganharam o mundo. A atriz entrou com processo na Justiça para reparar o dano e buscar punição para os responsáveis.

Dois episódios, duas personalidades públicas, dois enredos distintos, mas um questionamento crucial em comum: é preciso agir de maneira preventiva, no que tange à intimidade, quando se é uma pessoa pública? Sempre se soube que os códigos sociais impõem um determinado protocolo a líderes e pessoas com posições de

destaque. Mas esses mesmos cânones devem ser levados à intimidade, de maneira quase paranóica? Em última instância, não seria uma distorção seguir diretrizes pautadas pela ótica pública na vida pessoal, nos momentos de descontração, na esfera da privacidade?

Esses questionamentos se revestem de grande importância, sobretudo quando envolvem os operadores do



REDES SOCIAIS: diários pessoais da era virtual

Direito. Afinal, juízes, de carne-e-osso, já são obrigados a representar um personagem com uma série de atributos, na coreografia institucional. Mas, e depois do expediente, em casa, “entre quatro paredes”, juízes não podem ser humanos? Seriam obrigados a dormir de toga? Até que ponto essa obsessiva submissão a padrões coletivos de

A linha que separava o público e o privado se esmaeceu na medida em que detalhes de nossa vida mais íntima passaram a ser compartilhados

comportamento, quando aplicada aos detalhes da vida íntima, não pode desumanizar seus seguidores? Afinal, ser humano é ser falível, é cometer desatinos que podemos até proteger do olhar alheio, mas será que nos privarmos deles nos faria pessoas melhores?

É claro que todas as considerações, aqui, partem da premissa de que esses “desatinos” são aqueles que não transgridem os códigos legais. Refiro-me a momentos de descontração, flagrantes de alegria ou, quem sabe, de efusão, registros de pequenos arroubos da intimidade. Para todos os efeitos práticos, não existe mais uma fronteira entre esses arrebatamentos da vida privada e do debate público. Na era digital, o “computador pessoal”, o PC, na verdade não existe. Todo computador é impessoal, pois trafega e está conectado, de alguma forma, a uma esfera pública. Portanto, essa arma potencialmente “letal” para reputações não pode e nem deve ser encarada como costumávamos lidar com nossos “diários” da era analógica.

Naquela época, podíamos manter nossas mais profundas revelações – fisicamente – fora do alcance de olhares bisbilhoteiros. Mas na era em que vivemos não existem mais caixas, gavetas e fundos de armário. Nestes novos tempos de visibilidade pública, muitos de nós continuamos acostumados a condicionamentos que eram válidos até bem pouco tempo atrás, mas que hoje não são mais. Há um novo mantra, em termos de compreensão da privacidade, no atual momento da imagem: vivemos a era da privacidade pública. A linha que separava o público e o privado se esmaeceu na medida em que detalhes de nossa vida mais íntima passaram a ser compartilhados e, por que não dizer, vivenciados em novas plataformas.

Para os operadores do Direito, esse novo ecossistema digital induz a algumas reflexões: como manter a naturalidade, a espontaneidade, a vida, em suma, num ambiente em que questões da esfera íntima podem ser facilmente compartilhadas e difundidas? Cada um deve estabelecer o limite que julgar melhor. Todavia, assim como alguém que cruza uma avenida movimentada, a hora ou a forma de atravessar sempre será uma escolha pessoal. Mas o que está faltando a muitos, nesses dias, é fazer o essencial antes da travessia: olhar para os lados. Olhar para os lados é entender os riscos e avaliá-los de antemão. Pode-se até errar na avaliação. Ainda assim, é algo melhor do que cruzar a pista sem cuidado prévio algum. ■

Mário Rosa é consultor de imagem



PERFIL | MARCOS SILVA

Cerca de 20 anos atrás, o jovem estudante de Direito Marcos Luiz da Silva não previa que, em 2012, estaria presidindo uma das entidades mais respeitadas da Advocacia Pública do País, a Associação Nacional dos Advogados da União (ANAUNI). Sonhava, apenas, em abrir um modesto escritório de advocacia em Teresina (PI), e dedicar-se à atividade prestando serviços à comunidade local, na área do Direito Civil.



Divulgação Ananui

Não foi o que aconteceu. Das aspirações de infância, quando desejava ser um “ilustrador de revista em quadrinhos”, dada a sua paixão pelos gibis, optou pela área jurídica. Após colar grau de bacharel em Direito pela Universidade Federal do Piauí, em 1995, abriu o escritório. Mas, aprovado em vários concursos públicos, resolveu assumir o cargo de Analista Judiciário (Oficial de Justiça) na Justiça Federal do Piauí.

Em 1999, foi aprovado no concurso para a Advocacia-Geral da União (AGU). “Havia apenas cerca de 30 advogados, e vimos que a AGU estava ainda por ser construída. Apaixonei-me pela atividade e abandonei a vida de concurseiro”.

Paralelamente, lecionava em cursinhos preparatórios para concursos públicos em Teresina. Em 2003, foi admitido como professor do curso de Direito em faculdade particular local, e, no ano seguinte, após submeter-se a um concurso público, foi aprovado para o cargo de professor efetivo da Universidade Estadual do Piauí, onde leciona.

“A atividade docente é uma outra paixão. Orgulho-me de vários ex-alunos que hoje ocupam posições de destaque. E o mais importante: procuramos passar uma visão ética, assim como a ideia de que caberá a eles atuar para a solução de problemas relacionados à profissão jurídica e às instituições, especialmente no combate à corrupção”.

Em 2003, foi nomeado, pelo Advogado-Geral da União Álvaro Augusto Ribeiro da Costa, como Procurador-Chefe da União Substituto no Estado do Piauí, o que o obrigou a adiar a ideia de cursar um mestrado, mesmo já pós-graduado em Direito Processual Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em 2005, assumiu a Chefia da Procuradoria da União no Estado do Piauí, sendo o segundo Advogado da União de carreira no posto.

“Foi importante, aprendi muito como Procurador-Chefe. E, como sempre defendi que esses cargos devem ser rotativos, ocupados de forma alternada, pedi exoneração em 2008 para dar vez a um novo colega”.

No final de 2010, mais um desafio. Convidado para se candidatar à Presidência da ANAUNI, apresentou-se ao pleito. Foi eleito no início de 2011 para um período de dois anos.

A associação, criada em 1996 pelos primeiros advogados aprovados em concurso, tem como principais bandeiras a defesa do concurso público e a profissionalização da AGU. Defende uma atuação independente da instituição, as prerrogativas dos associados e também fomenta a atividade acadêmica.

Marcos Silva planeja concluir o mandato em fevereiro de 2013, deixando uma situação com todos mobilizados. Existe uma discussão acerca de uma nova Lei Complementar da AGU que, para ele, poderá ser um retrocesso se for desconsiderado o caráter institucional da AGU. Além disso, preocupa a invasão das consultorias jurídicas por pessoas de fora da carreira, dada a intervenção política na atividade técnica, de responsabilidade do Advogado da União.

Aos 38 anos, Marcos lembra que a AGU sequer dispõe de um quadro de servidores para dar suporte aos advogados. “O quadro é grave, e há uma evasão crescente de colegas para outras carreiras mais atrativas do ponto de vista financeiro e de infraestrutura. Enquanto a Justiça Federal se interioriza, a AGU extingue procuradorias seccionais. Mas, podemos ter uma grande instituição, e temos consciência de que só teremos mudanças com uma atuação diuturna em defesa da nossa associação e de nosso País” conclui. ■



Vivence
turismo

Especialista em Bahia

vivenceturismo.com.br
vivence@vivenceturismo.com.br / fone: +55 71 3286-1913



Motoristas, ciclistas e pedestres convivendo em harmonia.

Não importa o seu meio de transporte, você tem o direito de ir e vir com segurança, respeito e liberdade. Por acreditar nisso, a Bradesco Seguros criou o Conviva, um movimento pela convivência harmoniosa entre motoristas, ciclistas e pedestres. Acesse movimentoconviva.com.br e participe desse Movimento.



Baixe um leitor de QR Code em seu celular, aproxime o telefone do código ao lado e conheça o Movimento Conviva.

SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 727 9966
Ouvidoria: 0800 701 7000